

**UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI
NORBERTO GERALDO LIMA MAGALHÃES**

**O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET) COMO ESTRATÉGIA DE
ENSINO-APRENDIZAGEM: estudo sobre os grupos interdisciplinares da
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) de
Diamantina**

**DIAMANTINA, MG
JULHO DE 2014**

NORBERTO GERALDO LIMA MAGALHÃES

**O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET) COMO ESTRATÉGIA DE
ENSINO-APRENDIZAGEM: estudo sobre os grupos interdisciplinares da
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) de
Diamantina**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Ensino em Saúde da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Políticas de integração saúde e educação

Orientador: Wellington de Oliveira

DIAMANTINA, MG

JULHO DE 2014

Ficha Catalográfica — Serviço de Bibliotecas/UFVJM
Bibliotecário Anderson César de Oliveira Silva, CRB6 —2618.

M188p	<p>Magalhães, Norberto Geraldo Lima</p> <p>O Programa de educação tutorial (PET) como estratégia de ensino-aprendizagem: estudo sobre os grupos interdisciplinares da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) de Diamantina/Norberto Geraldo Lima Magalhães. — Diamantina: UFVJM, 2014. 59 p.</p> <p>Orientador: Wellington de Oliveira</p> <p>Dissertação (Mestrado Profissional - Programa de Pós-Graduação em Ensino em Saúde) - Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.</p> <p>1. Educação Tutorial. 2. Formação Acadêmica. 3. Formação Profissional. 4. Ensino Superior. 1. Título II. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.</p> <p style="text-align: right;">CDD 378.13</p>
-------	---

Elaborado com os dados fornecidos pelo autor.

NORBERTO GERALDO LIMA MAGALHÃES

**O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET) COMO ESTRATÉGIA DE
ENSINO-APRENDIZAGEM: estudo sobre os grupos interdisciplinares da
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) de
Diamantina**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Ensino em Saúde da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Aprovado em 30 de julho de 2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wellington de Oliveira (Orientador)
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM

Prof.Ms. Antônio Moacir de Jesus Lima
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM

Profa. Dra. Conceição Clarete Xavier Travalha
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Dedico esse trabalho a Kênia,
coautora da minha vida.

Agradeço:

A Deus, fonte de fé e esperança;

A Kênia, minha esposa;

Aos meus pais Zuba e Denise;

Aos meus sogros Ricardo e Otta;

As colegas de trabalho, em especial a Teresinha, Diva e Lucimar;

Ao Professor Flávio e Professor Valter;

Aos Professores do Mestrado Ensino em Saúde;

Aos colaboradores deste estudo;

Ao meu orientador Professor Wellington de Oliveira.

*Acho mesmo que os cientistas trabalham é com o óbvio. O negócio deles – nosso negócio – é lidar com o óbvio. Aparentemente, Deus é muito treteiro, faz as coisas de forma tão recôndita e disfarçada que se precisa desta categoria de gente – os cientistas – para ir tirando os véus, desvendando, a fim de revelar a obviedade do óbvio. O ruim deste procedimento é que parece um jogo sem fim. De fato, só conseguimos desmascarar uma obviedade para descobrir outras, mais óbvias ainda (RIBEIRO, Darcy. **Sobre o óbvio: ensaios insólitos**. Rio de Janeiro: Guanabara,1986).*

RESUMO

O Programa de Educação Tutorial (PET) é um programa do Governo Federal que prevê a melhoria dos cursos de graduação através de atividades multidisciplinares orientado pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Na UFVJM, o PET existe desde 2007, em 2010 teve a implementação de dois grupos institucionais formados por estudantes de cursos diversos. Este estudo pretendeu, a partir dos relatos compartilhados por estudantes e tutores dos dois grupos institucionais do PET da UFVJM de Diamantina, desvelar os contextos de ensino-aprendizado e discutir a contribuição do PET para a formação dos participantes desses dois grupos. Trata-se de um estudo de enfoque qualitativo, de natureza exploratória e descritiva que utilizou como marco metodológico a História Oral. Neste estudo foi identificada a influência dos grupos do PET na formação dos estudantes e na ação pedagógica dos docentes. Identificando, também, formas democráticas de trabalho dentro dos grupos que agregam predicados importantes para o ensino aprendizado dos universitários.

Palavras-chave: Educação Tutorial; Formação Acadêmica; Formação Profissional; Ensino Superior; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

The Tutorial Education Program (TEP) is a federal government program that foresees the improvement of undergraduate degrees through multidisciplinary activities guided by the principle of indivisibility of teaching, research and extension. In UFVJM the TEP exists since 2007, in 2010 received the implementation of two institutional groups formed by students of various courses. This study intended to, from the reports of students and tutors by the two institutional groups TEP UFVJM Diamantina, unveil the contexts of teaching and learning and discuss the contribution of TEP for the formation of those participants in these two groups. This is a study of qualitative focus exploratory and descriptive nature that used as a methodological landmark, Oral History. In this study was identified the influence of TEP groups on the students formation the teachers pedagogical action and the democratic ways of work inside the groups, who aggregate important predicates for the university students learning.

Keywords: Tutorial Education; Academic training; Professional formation; Higher Education; Interdisciplinarity.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNE	Conselho Nacional de Educação
CONEP	Comitê Nacional de Ética em Pesquisa
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DOU	Diário Oficial da União
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FUNDAEPE	Fundação Diamantinense de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão
IES	Instituição de Ensino Superior
IFES	Instituição Federal de Ensino Superior
MEC	Ministério da Educação
PET	Programa de Educação Tutorial
PET-SAÚDE	Programa de Educação pelo Trabalho em Saúde
PRÓ-SAÚDE	Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde
REUNI	Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
SESu	Secretaria de Educação Superior
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFVJM	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
ARTIGO 1: O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL COMO FERRAMENTA DE ENSINO APRENDIZAGEM: formação além da graduação	16
ARTIGO 2: FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO ÂMBITO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL: estudo de dois grupos institucionais da UFVJM	39
ANEXOS	55
Anexo I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	55
Anexo II - Roteiro Grupo Focal.....	56
Anexo III - Roteiro Entrevistas Tutores.....	57
Anexo IV – Parecer comitê de Ética.....	58

INTRODUÇÃO

Este estudo traz uma reflexão sobre grupos do Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) a partir ótica de sujeitos que vivenciaram o cotidiano do programa. A proposição da pesquisa nasce de inquietações empíricas do autor, provenientes inicialmente da atuação administrativa nos últimos seis anos junto ao PET da Instituição. Neste período, o contato com o Programa propiciou um gradativo envolvimento nas atividades e ações dos grupos. Este movimento possibilitou uma maior aproximação com o objeto de estudo, acarretando questionamentos que requeriam respostas baseadas numa investigação científica que extrapolasse o exame numérico sobre o programa.

Neste sentido, buscou-se colher relatos de vivências dos participantes dos dois grupos PET multidisciplinares da UFVJM, construindo um estudo de delineamento qualitativo, exploratório e descritivo. A História Oral foi escolhida como marco metodológico, por acreditarmos que este método de pesquisa possibilita estudar acontecimentos históricos, institucionais, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou testemunharam. E ainda, considerando que a visão de mundo que norteia o depoimento imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados, constituindo elemento indisponível para a compreensão da história do grupo social (ALBERTI, 2004, p. 18-24).

A partir dos relatos compartilhados por estudantes e professores tutores foram produzidos dois artigos científicos. O primeiro intitulado **“O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL COMO FERRAMENTA DE ENSINO APRENDIZAGEM: formação além da graduação”** objetivou desvelar os contextos de ensino-aprendizado dos dois grupos institucionais do PET da UFVJM de Diamantina. No segundo artigo, denominado: **“FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO ÂMBITO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL: estudo de dois grupos institucionais da UFVJM”** a pretensão foi discutir a contribuição do PET para a formação dos participantes destes dois grupos. Os dois artigos se encontram no corpo desse documento. Objetivando apresentar o PET no panorama nacional e institucional, elaboramos uma contextualizar sobre o programa, a seguir apresentada.

O modelo de aprendizagem por grupos tutoriais foi implantado no Brasil no final da década de 70 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na forma de Programa Especial de Treinamento. No final dos anos de 1990 e início dos anos 2000, o programa encontra um contexto político desfavorável quando a CAPES, alegando pouca abrangência do programa com custos elevados, reduz o investimento no programa e contrata uma avaliação externa a fim de justificar a extinção do PET (CHAUI, 1999). Contrariando esta perspectiva, os avaliadores concluem que:

O PET é uma das iniciativas mais consistentes e produtivas no sentido de estimular os estudantes e melhorar a qualidade de ensino de graduação no país e as relações com a comunidade, principalmente as ações voltadas para o ensino fundamental e médio (...). O PET é um programa complexo e completo e não pode ser avaliado apenas pelo número de pessoas que atinge diretamente (CAPES, 1999).

Em 2000 o PET é transferido para a Secretaria de Educação Superior (SESu) do Ministério da Educação (MEC) em que, sobre o desígnio filosófico, pedagógico e metodológico da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é feita uma releitura dos seus objetivos em favor de uma formação mais ampla e complexa dos acadêmicos de graduação. Esta mudança acarretou uma ressignificação, passando ao que é conhecido hoje como Programa de Educação Tutorial (PET).

Em 2010 o PET teve uma grande expansão na sua rede de abrangência. Sob o ensejo de atenuar desigualdades sociais e regionais e dar maior suporte a estudantes oriundos de comunidades populares, a SESu/MEC em articulação com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), bem como o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e a CAPES promoveram uma seleção sem precedentes na história do programa. Através do Edital PET/MEC de 2010 que previa a criação de novos grupos para o programa, induziu-se a demanda em nove lotes característicos, voltados às realidades das Instituições de Ensino Superior e suas comunidades de ação (BRASIL, 2010a, p. 41). Neste edital, foram selecionados 352 novos grupos do PET, somados aos 63 grupos da última seleção ocorrida em 2012, o número de grupos PET dobrou chegando ao quantitativo atual de 842 grupos de diferentes áreas do conhecimento distribuídos por 121 Instituições de Ensino Superior das diversas regiões geográficas do país (BRASIL, 2014).

A concepção deste edital acrescentou formatos ao PET que vão ao encontro de realidades atuais da política de ensino superior. Isto ocorre, à medida que se vislumbra na educação tutorial um instrumento impulsionador da qualidade acadêmica, da redução das taxas de evasão e retenção e do aumento do sucesso escolar da graduação. Esta conjuntura torna-se mais importante nos últimos anos, já que o ensino superior passa por uma crescente oferta de novas vagas. Dessa maneira, programas como o PET que fomentam o desenvolvimento acadêmico e a elevação gradual das taxas de realização estudantil e de conclusão dos cursos de graduação, devem ser vistos como prioritários nas várias instâncias da gestão do ensino superior.

Na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), o primeiro grupo PET estabelecido foi o "Química para o Vale do Jequitinhonha" que iniciou suas atividades em setembro de 2007. Em janeiro de 2009 foi a vez do grupo "Odontologia no Vale" iniciar suas atividades. Estes dois grupos passaram por expansões anuais até chegarem à composição atual contando com doze bolsistas cada programa.

Com o advento do edital do PET/MEC de 2010, a Instituição veio a somar no seu quadro mais quatro grupos. O grupo "Novas tecnologias voltadas para o ensino" se tornou o primeiro grupo da UFVJM com atuação no campus fora da sede localizado no município mineiro de Teófilo Otoni. Os outros três grupos foram selecionados dentro do contexto do "PET/Conexão dos Saberes", grupos voltados a estudantes oriundos de comunidades populares e vinculados a áreas prioritárias e a políticas públicas de desenvolvimento. Desta forma, surgiram os grupos PET "Biologia no Vale do Jequitinhonha: o conhecimento que transforma" e "Estratégias para diminuir retenção e a evasão", que passariam a contar com bolsistas oriundos de comunidades populares urbanas. Também foi criado o grupo "Conexão dos Saberes" destinado a estudantes de graduação oriundos de comunidades quilombolas. Estes dois últimos grupos têm abrangência institucional, ou seja, não são vinculados a cursos específicos, agregando estudantes de toda a Universidade, por esta característica, são o alvo deste estudo.

Cada um desses novos grupos buscou, já em sua seleção inicial, integrar 12 alunos bolsistas. Os alunos selecionados, bem como os grupos iniciaram as suas atividades em dezembro de 2010.

De um modo geral, os grupos PET UFVJM buscam propiciar aos alunos de graduação, sob a orientação de um professor tutor, condições para a realização de atividades que oportunizem vivências não contempladas nos currículos convencionais. Buscam também, promover em um contexto didático-pedagógico diferenciado a interação destes estudantes em cenários da prática, possibilitando aos acadêmicos a construção de conhecimentos, habilidades e competências adquiridas fora do ambiente de sala de aula. Desta maneira, incentivar a reflexão, a produção de conhecimento, o desenvolvimento de habilidades diferenciadas e uma progressiva autonomia profissional e intelectual ao acadêmico. Proporcionando o estreitamento de teoria e prática, valorizando a pesquisa, o trabalho individual e coletivo, bem como a participação em atividades de ensino e extensão.

O PET se reúne em grupos tutoriais de aprendizagem, sendo orientados pela formação global do aluno participante. Os grupos tutoriais se caracterizam pela presença de um tutor com a missão de estimular a aprendizagem ativa dos seus petianos¹ através de vivências, reflexões e discussões num clima de informalidade e cooperação. O método tutorial permite o desenvolvimento de habilidades de resolução de problemas e pensamento crítico entre os bolsistas. Sendo definida como uma situação em que um pequeno grupo de alunos encontra-se com um tutor para discussão e reflexão (CASSIANI, 1998, p.65).

Desta maneira, o programa visa proporcionar uma formação ampla e de qualidade a alunos de graduação das Instituições de Ensino Superior. O PET consiste em grupos de até 12 alunos, orientados por um professor tutor, que desenvolvem atividades extracurriculares de ensino, pesquisa e extensão de forma integrada, bem como a discussão de temas éticos, sócio-políticos, científicos e culturais. Os grupos têm o compromisso de estimular a melhoria do ensino de graduação, atuando como agentes multiplicadores, interagindo com o corpo discente, docente e com a pós-graduação (MARTIN, 2005, p.9).

Em levantamentos recentes, foi constatada a participação de um total de 131 estudantes da UFVJM no PET nos últimos seis anos. Estes estudantes seriam originários de cursos das diversas áreas de formação, com predomínio das ciências biológicas e da saúde (40%) e das ciências exatas (34%). Relatou-se que o tempo médio de permanência no programa é de 17 meses e os estudantes apresentam um

¹ Petiano é um neologismo, um substantivo criado para nomear o aluno que participa do Programa de Educação Tutorial (PET). É um termo difundido nacionalmente e socialmente aceito neste grupo.

bom desempenho acadêmico (CRA médio de 74 pontos). Fora o levantamento supracitado, não existem registros de estudos voltados para o PET da UFVJM. Dessa forma, fica evidenciada a necessidade de debruçar sobre a temática do Programa de Educação Tutorial da UFVJM, a fim de construir um referencial que possibilite a análise das consequências deste programa, no âmbito institucional (MAGALHÃES et al, 2013, p. 828).

Não existem estudos que tenham buscado de forma aprofundada e qualificada conhecer o PET, suas ações e benefícios. Para uma melhor leitura do cenário, possibilitado por estes programas, se faz relevante conhecer as peculiaridades de ensino-aprendizagem que estão envolvidas neste contexto. No desenvolvimento desse estudo, pretendeu-se explorar elementos trazidos aos participantes dos grupos PET a fim de compreendê-los e divulgá-los para incitar a adoção de ações que promovam a expansão de efeitos benéficos deste tipo de programa para os demais cursos de graduação e, por conseguinte, à comunidade de ação dos futuros graduados. Com isso, pensar uma formação profissional diferenciada com uma visão mais complexa do contexto social de atuação. Como apresentado ao início, foram elaborados dois artigos que estão apresentados a seguir.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 ed., Rio de Janeiro:FGV Editora, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Edital nº 9, de 30 de julho de 2010: Programa de Educação Tutorial - PET 2010. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 02 de agosto de 2010a. Seção 3, p. 41.

CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES/MEC. **Relatório da Comissão de Avaliação do Programa Especial de Treinamento**. Brasília: 1999. Disponível em: <<http://www.pet.dfi.uem.br/petbrasil/petreage/documentos/index.html>>, acessado em: 25 abril de 2013.

CASSIANI, Silvia Helena de Bortoli; RICCI, WaleskaZafred; SOUZA, Carla Regina de. A experiência do programa especial de treinamento na educação de estudantes de graduação em enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.6, n.1, p. 63-69, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Tiros no próprio pé**: governo de FHC planeja a extinção de um bem-sucedido programa universitário. Folha Online. 1999. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/dc_1_1.htm>, acessado em: 25 abril de 2013.

MAGALHÃES, Norberto Geraldo Lima et al. Seis anos do Programa de Educação Tutorial (PET) na UFVJM: quem são os Petianos?. In: II Semana da Integração do Ensino, Pesquisa e Extensão (II SINTEGRA), 2013, Diamantina-MG. **Anais II Semana da Integração**, 2013.

MARTIN, Maria da Graça Moraes Braga. **O Programa de Educação Tutorial - PET: formação ampla na graduação**. 2005. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2005.

ARTIGO 1

O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL COMO FERRAMENTA DE ENSINO

APRENDIZAGEM: formação além da graduação

RESUMO

Este artigo objetiva desvelar os contextos de ensino-aprendizado dos dois grupos institucionais do Programa de Educação Tutorial da UFVJM de Diamantina, quais sejam: "Conexão dos Saberes" e "Estratégias para diminuir a retenção e a evasão" a partir dos relatos de vivência dos sujeitos. Trata-se de um estudo de enfoque qualitativo de natureza exploratória e descritiva que utilizou como marco metodológico a História Oral. Nas discussões balizadas pelas falas dos colaboradores foi possível identificar que as ações do PET são planejadas de forma democrática e contextualizada, favorecendo a integração dos alunos nas atividades universitárias e sociais. Fomentando acréscimos na formação do estudante. Também propicia ao docente repensar sua prática e adotar meios diferenciados de contextualizar o ensino aprendido.

Palavras-chave: Educação Tutorial; Formação Acadêmica; Formação Profissional; Ensino Superior; Interdisciplinaridade.

THE TUTORIAL EDUCATION PROGRAM AS A TOOL OF TEACHING LEARNING:

formation for beyond graduation

ABSTRACT

This article aims to unveil the contexts of teaching and learning of the two groups of institutional Tutorial Education Program of UFVJM Diamantina, namely: "Connection of Knowledge" and "Strategies to decrease the retention and evasion" from the reports of the subject experience. This is a study of qualitative approach to exploratory and descriptive nature that used the methodological landmark Oral History. In discussions buoyed by the speeches of the collaborators, we found that the actions of TEP are planned democratic and contextualized way, favoring the integration of students in university, social activities and encouraging increases in formation of students. It also provides the teacher to rethink their practice and adopt different ways to contextualize the teaching learning.

Keywords: Tutorial Education; Academic training; Professional formation; Higher Education; Interdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

A expansão da oferta de vagas no ensino superior tem ocorrido em um cenário complexo e multidimensional em que a Universidade busca sua identidade. Na verdade, busca uma resposta ao encargo que culturalmente foi atribuída a esta instituição: formar profissionais para atuar em diversos setores de trabalho e, ao mesmo tempo, formar o cidadão que assumirá os postos de liderança, ou de cooperação nos projetos de caráter político, econômico, social, cultural e educacional que definirão os rumos da sociedade (HOSS, 2009, p.12-13).

Neste contexto, não é possível pensar na universidade fora do conjunto educação-trabalho, o que no atual momento do capitalismo passou a significar a separação temporal de dois mundos intercomunicáveis. Assim passou a ser também educação para o trabalho (SANTOS, 2013, p.170). Na verdade, a dicotomia educação-trabalho é hoje questionada a um nível mais profundo, o da própria sequência temporal:

A acelerada transformação dos processos produtivos faz com que a educação deixe de ser anterior ao trabalho para ser concomitante deste. A formação e o desempenho profissional tendem a fundir-se num só processo produtivo, sendo disso sintomas as exigências da educação permanente, da reciclagem, da reconversão profissional, bem como o aumento da porcentagem de adultos e de trabalhadores-estudantes entre a população estudantil (SANTOS, 2013, p.171).

A tendência atual é que a academia avance no cenário da prática profissional em busca da contextualização das suas ações pedagógicas, de forma a promover a reflexão do profissional, na sua prática, dentro dos muros da instituição.

Outro aspecto que pressiona a busca identitária da universidade brasileira é a forma de ver a educação como um direito. Isso vem motivando a ampliação das oportunidades de acesso para contingentes de estudantes provenientes de camadas de baixa renda e de grupos sociais e étnicos historicamente discriminados (NEVES et al, 2012, p.5).

Cabe considerar, ainda, o esforço governamental na última década em impulsionar a oferta e a interiorização de vagas nas instituições federais de ensino superior brasileiro. A principal ferramenta desta política é o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) (BRASIL, 2009). Os dados oficiais dão conta de que:

a expansão da Rede Federal de Educação Superior teve início em 2003 com a interiorização dos campi das universidades federais. Com isso, o número de municípios atendidos pelas universidades passou de 114 em 2003 para 237 até o final de 2011. Desde o início da expansão foram criadas 14 novas universidades e mais de 100 novos campi que possibilitaram a ampliação de vagas e a criação de novos cursos de graduação (BRASIL, 2010b).

Esses aspectos têm denotado mudanças no perfil dos estudantes, principalmente nas instituições localizadas no interior do País. A ampliação do número de vagas nas universidades, no entanto, não é acompanhada na mesma velocidade pela melhoria das condições de ingresso e permanência dos estudantes. Já as desigualdades são ampliadas pesando contra os estudantes de renda familiar mais baixa, em função dos déficits trazidos das etapas iniciais de formação educacional (NEVES, 2012, p.2-13).

Minas Gerais é o estado brasileiro que concentra o maior número de Universidades Federais, 11 ao todo, além de outras instituições de ensino superiores públicas e privadas. Sendo uma das 14 instituições criadas na última década, a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) é a única universidade federal sediada na região setentrional norte do estado, região com mais de 3,3 milhões de habitantes distribuídos por 182 municípios, e que apresenta um IDH médio de 0,668 (IBGE, 2010) dentre os menores do estado e do país.

Apesar do primeiro curso de graduação desta instituição ter iniciado o seu funcionamento em 1953, foi apenas na primeira década do século XXI que a UFVJM teve acréscimo de novos cursos de graduação. Nesta época foi transformada em Universidade e hoje conta com cerca de 50 cursos de graduação, presenciais e a distância, nas várias áreas do conhecimento, em seus quatro campi distribuídos pelas mesorregiões mineiras do Vale do Jequitinhonha, Vale do Mucuri, Norte e Oeste de Minas (UFVJM, 2014).

Na UFVJM como em outras instituições, uma das alternativas para tentar impulsionar a qualidade do ensino é a implementação de programas acadêmicos extracurriculares. Este tipo de atividade tem em comum o oferecimento de experiências diversificadas para os diferentes estudantes de um mesmo curso ou de toda Universidade, e que se caracteriza pela maior liberdade de escolha, por parte do aluno, sobre as atividades a serem desenvolvidas (FIOR, MERCURI, 2009, p.195).

Neste contexto:

O envolvimento dos alunos com estas atividades podem contribuir para uma série de mudanças como o desenvolvimento nas áreas cognitiva, social e afetiva, com ganhos nas habilidades intelectuais, domínio de conhecimentos específicos e nas dimensões atitudinal, psicossocial e moral, maior satisfação com o curso, aprimoramento das habilidades de liderança, facilidade nos relacionamentos interpessoais, desenvolvimento de valores altruísticos. Os benefícios das experiências não obrigatórias se refletem em diversos aspectos, que podem auxiliar no desenvolvimento do estudante como um todo (FIOR, MERCURI, 2009, p.195-106).

Apesar disso os programas extracurriculares como, monitorias, iniciação científica e extensão, continuam adotando critérios meritocráticos para a seleção de estudantes, dificultando o acesso dos menos aptos a melhores condições de estudo e permanência na instituição (SILVEIRA, SILVEIRA, MESSIAS, 2013, p.185).

Outro ponto é que, o modo como os alunos se integram ao contexto do ensino superior possibilita aproveitar melhor (ou não) as oportunidades oferecidas pela universidade, tanto para sua formação profissional quanto para seu desenvolvimento psicossocial. Estudantes que se integram acadêmica e socialmente desde o início de seus cursos têm possivelmente mais chances de crescerem intelectual e pessoalmente do que aqueles que enfrentam mais dificuldades na transição à universidade (TEIXEIRA et al, 2008, p.186).

Contextualizado o ensino superior nacional e a importância de criar estratégias para que um novo perfil de estudantes adentre de fato no ensino superior, este estudo, abordará o Programa de Educação Tutorial (PET). Este é um programa que surge na CAPES em 1979, com base na experiência do curso de Economia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em uma situação análoga à vivenciada atualmente, surge como uma tentativa de impulsionar a qualidade do ensino superior em decorrência da expansão da universidade pública nos anos de 1960/1970 (CASTRO, S/D, p. 3).

Em 2000, após passar por um momento de quase extinção, devido ao modelo neoliberal do governo brasileiro, o PET passa a ser gerenciado pela Secretaria de Educação Superior (SESu) do Ministério da Educação (MEC). Mantendo a sua estrutura de funcionamento com um tutor e até 12 bolsistas, o Programa também sofre alterações no seu escopo filosófico e metodológico ao longo dos anos. Deixa de ser um programa focado na pesquisa e passa a determinar que suas ações prestigiem a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (MARTIN, 2005, p. 9-10). A partir de 2010, inclui de vez a

interdisciplinaridade como eixo estruturante, inclusive abrindo a possibilidade de criação de grupos institucionais multicursos.

Em 2007 a UFVJM aprovou o seu primeiro grupo do Programa de Educação Tutorial, o PET-Química. Em 2009 iniciou o PET da Odontologia. No edital de 2010, já com a possibilidade de criação de grupos multidisciplinares, foram aprovados mais quatro grupos PET sendo um vinculado ao curso de Biologia, um vinculado ao curso de Matemática e Ciência e Tecnologia do campus sediado em Teófilo Otoni-MG e os dois grupos multidisciplinares, de abrangência institucional, denominados “PET-Conexão de Saberes” e “PET-Estratégias para diminuir a Retenção e Evasão”.

É para estes dois grupos interdisciplinares que este estudo aponta seu foco, pois nos chama atenção à interação entre áreas de conhecimento e as diversas possibilidades de ações no contexto interno e externo da Universidade. É uma premissa interessante quando pensamos na flexibilização do ensino superior em direção a uma concepção político filosófica do ensino, em que os sujeitos do contexto de ensino-aprendizado são valorizados a fim de desenvolver práticas educativas contextualizadas e autônomas (PEREIRA; CORTELAZZO, 2003, p.119).

Nesse sentido, este estudo objetiva desvelar os contextos de ensino-aprendizado dos dois grupos institucionais do Programa de Educação Tutorial da UFVJM de Diamantina, quais sejam: "Conexão dos Saberes" e "Estratégias para diminuir a retenção e a evasão" a partir dos relatos de vivência dos sujeitos.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de enfoque qualitativo (MINAYO, 2008, p. 22-23) de natureza exploratória e descritiva (GIL, 2010, p. 45), no qual se utilizou da história oral como marco metodológico, tendo em vista que este método de pesquisa possibilita estudar acontecimentos históricos, institucionais, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas, etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou testemunharam (ALBERTI, 2004, p. 18). Também, considerando que a visão de mundo que norteia o depoimento imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados constituindo elemento indisponível para a compreensão da história do grupo social (ALBERTI, 2004, p. 24).

Sendo assim, foram investigados os dois grupos do PET institucionais, com atuação multidisciplinar, do Campus da UFVJM em Diamantina (MG). Os dados foram coletados entre 17 de agosto a cinco de setembro de 2013, nas dependências da UFVJM.

Foram feitas entrevistas individuais junto aos dois tutores dos grupos PET: bacharéis, professores doutores, ocupantes de cargo efetivo da UFVJM em regime de dedicação exclusiva, com idade entre 35 e 54 anos, com 12 anos de docência no ensino superior e dois anos e nove meses de tutoria no PET.

Também foi realizado um grupo focal com a participação de oito alunos da UFVJM integrantes destes dois Grupos PET com idade média de 23 anos. Cinco destes estudantes estavam matriculados em cursos da área das Ciências Biológicas e da Saúde, dois da área das engenharias e um das ciências agrárias. O tempo médio no curso de graduação correspondia a sete semestres letivos sendo dois anos e nove meses de tempo médio de participação no PET. O critério para inclusão foi a participação, por pelo menos um ano, no PET da UFVJM.

Estas técnicas de coleta são bastante pertinentes, pois, a metodologia da história oral consegue captar a perspectiva mnemônica de seus narradores, principalmente através da entrevista individual, independentemente da categoria geracional e, a técnica do grupo focal é capaz de amplificar as vozes e apresentar os consensos e dissensos de grupos (ALMEIDA, 2011, p. 104).

Para balizar o diálogo, foram utilizadas questões norteadoras abertas. As entrevistas e o grupo focal foram registrados em gravador digital. Após coletados foi

feita a transcrição das entrevistas e do grupo focal, a fim de constituir a primeira versão dos depoimentos, base de trabalho das etapas posteriores. Este foi um primeiro e decisivo esforço de traduzir para a linguagem escrita aquilo que foi gravado (ALBERTI, 2004, p. 147). Os passos seguintes foram a eliminação das perguntas do texto, correção dos erros de gramática, a reorganização cronológica da entrevista. Nessa etapa, denominada textualização escolheu-se o tom vital, que consistiu na seleção de uma frase que serviu como tema para a leitura da entrevista. Posteriormente veio a transcrição, momento em que o autor interfere no texto, refazendo-o várias vezes visando seu aperfeiçoamento. Por fim, a conferência da versão trabalhada (MEIHY, 2005, p.195-198).

Obteve-se a aquiescência dos participantes que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo informado o objetivo do estudo. A fim de garantir o anonimato, foram adotados pseudônimos, substituindo os nomes dos professores por: "Tutor-1" e "Tutor-2", e dos estudantes por: "Petiano-1", "Petiano-2", "Petiano-3", "Petiano-4", "Petiano-5", "Petiano-6", "Petiano-7" e "Petiano-8".

O estudo foi submetido via Plataforma Brasil à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFVJM. Através do parecer número 340.938 de 30/07/2013 foi aprovado por constatar que o estudo atende aos preceitos éticos para pesquisa envolvendo seres humanos, preconizados pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os relatos compartilhados pelos colaboradores deste estudo fomentaram a análise e apresentação dos resultados nos subitens expostos a seguir:

I. O que é o PET para os tutores

Os tutores apresentam uma conceituação do Programa:

“Então, o PET para mim é um grupo de alunos que, acompanhado por uma orientação docente, estimula o desenvolvimento acadêmico nas diversas áreas, no sentido de torná-lo um cidadão diferenciado no mercado de trabalho, não só como pessoa, mas como profissional também, e que de conta, realmente, dê atender necessidades da nossa população.” (Tutor-2)

“O PET para mim foi muito interessante porque você trabalha os diversos níveis, diversas frentes de trabalho, de pensamento, e você pega gente de vários cursos também. Então você vê realidades diferentes dentro da universidade. Então é um projeto bastante amplo.” (Tutor-1)

Estes termos se aproximam com o que está descrito na legislação do MEC sobre o PET (BRASIL, 2010, p.40). Contudo, supera o conceito legalístico em direção a uma leitura do PET na práxis formativa. Contextualizar o sujeito em seu meio social alocando a formação universitária em um patamar desejado (SAVIANI, 2010, p.16-17).

II. O planejamento das ações do PET

Em uma perspectiva construtivista, o planejamento das ações do PET ocorreu de forma plurilateral envolvendo tutor (professor), petiano (aluno) e a comunidade. Em suas falas os sujeitos ilustraram como ocorre o delineamento das ações:

“Nós fizemos um questionário pra ver se o que nós estávamos fazendo era útil [...]. Aí, a partir desses dados nós vamos programar nossas ações”. (Petiano-5)

“Bom, nesse PET a lógica se inverte. Quem define o tema não é o professor e nem o aluno. Quem define o tema é a comunidade [...] e pode ser uma

área completamente diversa daquela que a gente conhece, pensaria ou desejaria trabalhar. [...] Ela abre um leque, dentro desse leque o aluno tem autonomia de escolher um ou dois temas dentro da sua área de interesse [...]. Ele precisa vivenciar e conhecer e, a partir daí, propor um plano de ação, a vivência, esse plano de ação precisa ser estudado, então ele vai buscar a literatura, vai buscar o que é recomendado e depois ele vai propor uma intervenção. Ele tem que executar a intervenção, ele tem que avaliar a intervenção, se tiver insucesso, se ela não teve sucesso, ele tem que replanejar e fazer novamente. Essa é a proposta de trabalho. Então, quem planeja a ação é o aluno. Lógico que ele não faz sozinho, ele recebe apoio do professor, ele recebe apoio da comunidade, ele recebe apoio de pessoas experientes. A gente conta com diversos parceiros. Pede para ele buscar o professor da área de ensino dele [...], um aluno do período mais avançado, ou às vezes, uma pessoa com a área totalmente diferente. [...] Então ele constrói um planejamento o qual ele é responsável pelo planejamento, ele usa de parceiro para isso". (Tutor-2)

"Quando a gente começa a discutir com os alunos, eu mostro várias ideias assim, nos três campos (ensino, pesquisa e extensão). Então eu acho que eles absorveram isso, eles fazem projetos. Por exemplo, dois alunos de áreas diferentes foram oferecer para estas empreiteiras que trabalham aqui no campus, nas horas vagas, cursos para eles (trabalhadores). Explicando sobre a universidade, com o objetivo de eles olharem isso para os filhos deles, pra eles trazerem os filhos deles, pra ir conhecendo aqui. Ou seja, assim, foi espontâneo, eles que trouxeram. Ou seja, trabalhando a extensão forte e levando a experiência de vida acadêmica para essas famílias. [...] Pensaram em fazer um questionário para esses funcionários, ou seja, trabalharam a pesquisa também".(Tutor-1)

Baseado nessas falas parece correto afirmar que as ações planejadas não são apenas uma forma de estender à população trabalhadora algo próprio da Universidade, mas sim, em certa medida, de colaborar para que os trabalhadores não caiam na passividade intelectual. Ao mesmo tempo, este contato ajuda evitar que os universitários caiam no academicismo (SAVIANI, 2010, p.16-17) já que direciona a formação para construção de um conhecimento que considera o ser humano e a sociedade como unidades complexas, multidimensionais e indivisíveis (MORIN, 1999, p. 14). Assim, imergindo à complexidade social, as demandas e ações do PET vão sendo delineadas e delineando as realidades identificadas.

Por não ser a forma de ação predominante no ambiente acadêmico, professores e estudantes revelam uma estranheza inicial. Neste sentido, alguns obstáculos foram identificados.

"A gente começou meio lento sabe, porque, o PET também era novo. O tutor era inexperiente [...], a gente apanhou um pouquinho no início, ficava meio devagar, tínhamos as ideias, mas não conseguia sair da ideia no início. Aí com o passar do tempo, todo mundo também foi empolgando mais, vendo o que realmente dava para fazer. Porque a gente também tem ideia que a quer passar o carro na frente dos bois. A gente quer fazer uma coisa lá na frente antes de fazer uma coisa que deveria fazer, antes de fazer uma coisa que é fundamental. Ai a gente passou por estas etapas, conseguimos fazer algumas ações".(Petiano-8)

Através desta fala, é possível presumir que a experiência vivenciada favorece o amadurecimento do estudante acrescentando predicados no modo que este planeja e executa suas ações. Esta é uma atribuição que o estudante poderá transportar para sua vida profissional.

III. Interação do PET na universidade e na sociedade:

A vivência dos petianos na comunidade universitária e extra-universitária propicia uma atuação proativa atribuída, pelos colaboradores, à participação no programa. É possível dizer que o PET contribui para que o aluno se adapte ao novo ambiente educacional com maior facilidade.

“Assim, quando eu entrei no PET, eu estava no primeiro período, eu entrei leiga, sem saber o que era universidade, sem saber o que era o PET. Então o PET fez todo o diferencial pra que eu ingressasse mesmo, engajassem dentro da faculdade, porque quando você é calouro não sabe de nada. Você não tem noção, você não tem contato com professores, você não sabe de nada, nada mesmo. E o PET foi o primeiro grande passo que eu dei e tô dando até hoje, porque eu ainda sou Petiana”. (Petiano-3)

Este engajamento denominado por Ailan Coulon (2008, p.32) como afiliação é determinante para que o estudante universitário alcance o sucesso acadêmico que, em grande parte, depende da capacidade de inserção ativa dos estudantes em seu novo ambiente. Consiste na adequação entre as exigências acadêmicas, em termos de conteúdos intelectuais, métodos de exposição do saber e dos conhecimentos e o *habitus* dos estudantes. Ainda, o aluno deve buscar adaptar-se aos códigos do ensino superior, aprender a utilizar suas instituições e a assimilar suas rotinas. Como se adquire esta competência se não através de uma aprendizagem que inicie o nas regras de seu novo universo? A entrada na universidade pode ser analisada como uma passagem, no sentido etnológico do termo, que ocorre de forma gradual. Ainda, a adaptação inadequada impulsiona ao fracasso, caracterizado pelo abandono de curso - numerosos ao longo do primeiro ano.

Neste sentido, temos os seguintes relatos:

“Eu, na minha graduação só fico assim: no departamento do meu curso, sala de aula do meu curso, em todos os lugares e ambientes do meu curso. Agora, no PET não, tem que rodar aquela Reitoria [...] a FUNDAEPE, o

PRÓ-SAÚDE, envolve o tempo todo, incomodando o povo, eles já conhecem a gente, falam: "você de novo". A gente roda a faculdade o tempo todo para você conhece a faculdade porque se não for isso, você não sabe não". (Petiano-6)

"Pelo fato do PET ser multidisciplinar, você tem que se envolver com a universidade inteira, todos os cursos, a gente tem que procurar pessoas de todas as áreas, não fica só restrito ao nosso curso". (Petiano-5)

Estes relatos evidenciam que o engajamento proporcionado pelo PET não ocorre somente nas instâncias mais circunscritas do curso do aluno. Pelo fato das ações dos grupos envolverem várias áreas do conhecimento e vários setores acadêmicos e administrativos, institucionais e extrainstitucionais, o aluno tem contato ampliado com ambientes da universidade e da comunidade externa. À medida que as ações do grupo vão demandando, a atuação vai se expandindo a outros alunos de graduação e pós-graduação, bem como professores e profissionais de diversas áreas, propiciando uma vivência mais global. Para ilustrar, destaca-se uma fala em que o aluno evidencia este envolvimento através de uma ação do seu grupo PET:

"Você vai desenvolver um projeto na área da agricultura, aí eu sou da biologia, ela é da enfermagem, o tutor também é da enfermagem, aí você é obrigado a procurar outros profissionais dentro da universidade. Aí você vai tendo um contato maior, você tem que procurar um professor das agrárias que entende. Aí o professor te indica um aluno de mestrado, aí esse aluno de mestrado já vai para a comunidade junto com você, ajudar no desenvolvimento daquele projeto. É assim, um projeto, a gente procura um pessoal de uma área, outro projeto a gente procura o pessoal de outra área. Então, a interação entre vários níveis, da graduação, do mestrado, eu acho que isso proporciona uma interação maior dentro da universidade. E é assim, cada dúvida você vai procurando outras pessoas". (Petiano-4)

Como pode ser analisado, este relato expõe características propiciadas pelas ações do PET que apontam para a construção de um modelo de escola participativa. Isso favorece o diálogo entre estudantes e profissionais de diversas áreas que se confunde com o processo educativo que caracteriza a interdisciplinaridade (GADOTTI, ROMÃO, 2013, p.161).

A influência deste petiano na comunidade acadêmica passa ainda por um ganho progressivo de "status" junto ao corpo estudantil, tornando-se, de certa forma, uma referência entre os colegas, pois mostra uma opção diferente de ensino aprendido:

"E, fora assim, a oportunidade que você tem de ser útil para outras pessoas, até para os colegas mesmo. Você tem um colega que está totalmente perdido, aí você fala assim: "eu sei como faz isso, eu posso ajudar". Aí ele

te pergunta: “como você sabe isso? Eu não sei, eu sou de sua sala!”(...) “Eu sou do PET, por isso que eu sei fazer isso”.(Petiano-3)

“Alguns alunos procuram alunos do PET quando precisam de ajuda em alguma coisa. No meu curso eu vejo isso [...]. Aí, o aluno tá lá, querendo fazer algum trabalho, escrevendo algum trabalho: “ah, você que é do PET, já fez algumas coisas, me ajuda nisso”. Eu vejo a procura dos alunos com os alunos do PET. Já teve gente que chegou para mim e falou: “eu fui convidado para fazer a organização de um evento. Você que é mais por dentro, você me ajuda nisso? Onde é que eu procuro tal coisa? Ou com quem eu tenho que falar?”. (Petiano-4)

Esta interação com os outros alunos, reforçada pela atuação do Tutor, favorece ainda a renovação do programa:

“A maioria que aproxima é porque acha interessante o tema e eles vêem as ações também. Ele sempre tem um colega no PET. Os petianos sempre têm agregados que são potenciais futuros petianos. Eles sempre trazem. Às vezes eu divulgo nas salas de aulas também, eu já consegui ótimos colaboradores assim. Às vezes eu comento na sala de aula, aí tem gente que fala, “eu posso ir lá? Quando é que eu começo?” “Ue, já começou!”[...] Então eles gostam, começam a fortalecer as amizades entre si”. (Tutor-1)

O apoio das instâncias universitárias tem uma influência fundamental no desenvolvimento das atividades do PET. Mesmo nas pequenas ações, este fato pode ser evidenciado.

“É assim, é muito interessante o apoio do coordenador, nem que seja que ele vá lá e diga: “ô gente, isso é muito bom viu”. Só de falar isso já tá excelente, nós percebemos isso em dois cursos que nós fizemos aqui: um o coordenador abraçou, o outro ficou assim: “ah, mas será?” Os resultados formam muito diferentes. O que abraçou, foi uma festa, uma comemoração muito interessante. Já o que não abraçou, nem sei o que aconteceu, mas tá lá, tá implantado. Pelo menos a gente tem que jogar energia lá”.(Tutor-1)

Neste relato, já há indícios de que não é em todo o contexto que as ações do PET são bem recebidas ou encontram apoio. Talvez este seja, atualmente, o maior problema que os grupos têm para superar.

As demandas junto à Instituição passam pela necessidade de estrutura física para funcionamento dos grupos:

“Eu tive dificuldade com a sala, aliás, eu não tenho sala, eu tenho empréstimo, e a qualquer momento pode acabar. Eu acho que todos os grupos têm essa dificuldade”. (Tutor-1)

Pelo apoio, interação e reconhecimento da equipe da universidade:

“O próprio reconhecimento da equipe da Instituição no projeto é difícil”. (Tutor-2)

“Se a Universidade como um todo apoiasse o PET, ele tá muito visto como um programa isolado da instituição”. (Petiano-3)

E, até mesmo na perspectiva do PET de longevidade do programa na Universidade:

“Eu não vejo esse projeto institucionalizado. É um projeto que, digamos assim, embora seja um programa e, portanto, você pensa que vai ter uma continuidade, ele ainda é encarado pela Instituição como uma ação pontual, isolada com tempo de início, meio e fim”. (Tutor-2)

Bem como a falta de envolvimento de outras pessoas nas ações do programa:

“Eu sinto uma falta tanto dos professores quanto da reitoria e do departamento em geral. Uma falta de apoio para os PET porque, os tutores e os servidores que estão envolvido, eles sabem a importância do PET. Eles estão sempre apoiando. Eu sei que se você chegar num tutor de outro PET, mesmo se for coordenador de outro departamento, ele vai bater o martelo e vai me apoiar. Mas se for outro departamento que o professor não sabe nem o que é PET, que não tiver PET no departamento dele, ele não vai me apoiar”.(Petiano-3)

Apesar disso, há sinais de que, após tomar ciência da importância e da natureza das ações do PET, as pessoas mudam a postura e passam a ser mais receptivas ao programa:

“Na (Pró-Reitoria que o PET está vinculado) eu acho que melhorou demais o apoio. No começo estava meio acanhado, o Pró-Reitor, achei ele meio assim, ele estava esperando pra ver o que ia acontecer pra ver o que fazia. Agora ele já gosta, toda vez que a gente vai conversar, ele quer saber o que está acontecendo, então melhorou isso aí”. (Tutor-1)

Não é possível crer que o PET e outros programas de igual natureza passem despercebidos pelas vistas da gestão universitária, dos professores e outros atores institucionais. Contudo, na efervescência de ações que estão ocorrendo simultaneamente naquele ambiente, é compreensível, embora não seja adequado, que estes fiquem relegados a outro plano de prioridades para os que não convivem no dia a dia do PET.

Em outra direção, é interessante notar que, entre os próprios grupos PET também existe uma necessidade de maior aproximação e diálogo:

“Eu fui ao UAI-PET em Juiz de Fora, que é o encontro mineiro dos PET. Eu aprendi lá uma visão que aqui não tinha percebido [...]. A comunicação que os PET têm entre si é uma coisa de impressionar. Os PET constroem um projeto juntos, a maioria é multidisciplinar. Não é um PET faz um projeto e outro PET faz outro projeto, não, o projeto é de todos. Aí eles conversam entre si”.(Petiano-8)

Esta é uma dificuldade presente em vários contextos da Universidade. A falta de comunicação, seja causada pelo desinteresse, pela dificuldade de alinhar agendas ou pelo número de atividades em que todos estão envolvidos, muitas vezes impede um melhor aproveitamento das ações, ao passo que determina certa sobreposição de atividades por diferentes grupos, quer sejam PET, iniciação científica, extensão e outros.

Apesar de não haver de fato um planejamento comum, parece que existe sim uma interação entre os grupos para o desenvolvimento de ações em conjunto.

“É engraçado assim, a gente não constrói projeto junto, mas um interage com o outro. O PET-Saúde Mental, que acabou, o PET Odontologia e o PET Conexão, sempre estão juntos nas comunidades”. (Petiano-6)

Durante o desenvolvimento do Grupo Focal os petianos compartilharam diversas informações que, em certa medida, entenderam que o momento de diálogo promovido para coletar dados para o presente estudo havia contribuído para trocar experiências e colaborar para diminuir dificuldades que o grupo estava tendo. Esta constatação pode ser vista na fala a seguir:

“Tem PET que não sabe o que o outro faz. Em pouco tempo de conversa, a gente sabe se pode ajudar vocês na extensão e, quem sabe, vocês podem nos ajudar na pesquisa. Isso deveria ser feito pelo menos uma vez por ano com todos os PET. Um evento que junte todos os estudantes para trocar ideias. Isso é fundamental, porque a gente aprendeu muito”. (Petiano-3)

Ainda relacionado à interação entre os PET, o Tutor-1 evidenciou que existe uma dificuldade adicional quando a interação se faz necessária junto aos grupos do PET que não são multidisciplinares, ou seja, são vinculados a um curso específico da instituição:

“Acho que os PET vinculados a cursos específicos são mais fechados um pouco do que quando é institucional. Naturalmente eles acabam fechando mais”. (Tutor-1)

Extrapolando os muros da academia, o PET, através de seus integrantes, propicia uma interação interessante junto à sociedade. Este movimento é efetivado, principalmente, nas ações de extensão do programa:

“E a extensão a gente faz principalmente em comunidades mais carentes, a gente chega, vê, aprende. [...] Convidávamos pessoas novas para conhecer as comunidades, eles vão e dizem: “nossa, vocês trabalham com isso? Vocês fazem isso?” Mas pra gente é normal, já estamos acostumado com aquilo ali, mas foi através do PET que a gente acostumou”. (Petiano-6)

O contato externo não fica apenas restrito às ações de extensão, é necessária ainda uma busca em outros ambientes para realização dos projetos e ações:

“Tem coisas que não adianta você procurar dentro da universidade que você não vai achar. Você tem que correr atrás de outras pessoas fora da universidade pra fazer dar certo”. (Petiano-2)

IV. O ensino, a pesquisa e a extensão nas ações do PET

A natureza interdisciplinar dos grupos PET indica que as ações ocorrem contextualizadas favorecendo o diálogo da teoria e prática. Esta afirmativa pode ser respaldada nas seguintes falas:

“O PET, meio que supre a carência que a graduação não fornece. Ele complementa o que a graduação não faz. E o poder colocar a mão na massa é o essencial, porque a graduação está te formando para você ser meio tecnicista. O PET te proporciona ir à prática até antes mesmo de saber na teoria. A prática e a teoria têm que andar juntas. Com o PET, quem tem a oportunidade de participar do PET, consegue fazer isso. Agora, quem não tem, tem muita teoria, quando chega à prática, e aí? Como eu vou fazer? Como é que vai ser se eu não tenho uma experiência prévia?” (Petiano-3)

“Porque eles têm essa visão né? Teoria e prática têm que andar juntas, mas o que acontece primeiro é que você tem que ser preparado na teoria, que quando você coloca a mão na massa, surgem dúvidas. É lá que vão surgir dúvidas. Questionamentos, aí o tempo já passou. Você não vai ter aquela disciplina de novo para você tirar dúvidas e questões com o professor na sala de aula”. (Petiano-1)

Esta contextualização, necessária no processo ensino-aprendizagem, gera uma reflexão crítica sobre a prática, a fim de evitar que teoria se torne mera embromação, e a prática, ativismo (FREIRE, 2011a, p.11). É uma opção para quebrar como lapso temporal existente entre a formação e a atuação profissional (SANTOS, 2013, p.171), possibilitando a inserção dos estudantes nos cenários de prática profissional, política, geográfica e social. É relevante destacar que isso não é apenas uma opção filosófica da educação, tratar-se de uma preocupação proposta nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de muitos cursos de graduação, fazendo-se imperativo às instituições de ensino superior estimular este tipo de aprendizado (BRASIL, 2001; 2006).

Para Paulo Freire (2011a, p.16), não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino: enquanto ensinamos continuamos buscando, reprocuroando e indagando. Pesquisamos para constatar, intervir, para conhecer e o que ainda não

conhecemos e comunicar ou anunciar a novidade. À medida que os conhecimentos são produzidos, é possível difundi-los, ensiná-los a outras pessoas; daí resulta a necessidade de articular ensino e pesquisa às atividades extensionistas no âmbito das universidades (SANTOS, 2012, p.157).

Esta tríade é um discurso comum nas universidades brasileiras, o que não significa, necessariamente que seja uma prática comumente encontrada. Para os grupos PET, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é mais que uma orientação, trata-se de uma exigência regulamentar (BRASIL, 2013, p. 40). De acordo com os depoimentos obtidos, parece que o programa consegue efetivar ações que orbitam nestes três eixos. Esta afirmativa se baseia nas falas a seguir:

“Outra coisa também que é interessante, é trabalhar as três áreas: pesquisa, extensão e ensino. E este tema que eu trabalho, ele cabe bem em todos os três. Então, eu consigo fazer estas três abordagens, e aí, os alunos mesmos, os próprios alunos eles fazem as três coisas ao mesmo tempo, mas eu descobri que não é fácil não”. (Tutor-1)

“O PET acho que seria um projeto mesmo de pesquisa e extensão. Acho que é a primeira vez que vejo os dois andando tão juntos”. (Petiano-2)

Para alcançar resultados satisfatórios nestes três eixos, a atuação do PET deve ser ampla, considerando tanto os saberes presentes, como também as expectativas que a própria comunidade venha a gerar sobre aquelas ações.

“No início pra conquistar a confiança deles foi um desafio, no sentido de que outros profissionais que já foram desenvolver trabalhos lá, coletaram dados, pra fazer suas pesquisas e não deixaram contribuição nenhuma no sentido de ajudar a comunidade. E eu não vejo no PET só a extensão e a pesquisa eu vejo o ensino, no sentido de que toda vez que a gente vai desenvolver uma atividade de extensão eu tenho que pesquisar sobre aquilo. Meu dever é estar preparada para apresentar e também estar preparado no sentido de saber responder às perguntas ou às dúvidas que possam surgir. E eu vejo assim, eu vejo o ensino, pesquisa e extensão. E a oportunidade de pesquisar dentro do PET é essa visão de “nossa como tá acontecendo isso? Vamos saber como tá acontecendo? De que forma?”. (Petiano-1)

Nesta fala, é importante analisar dois pontos. O primeiro permite supor uma ação de pesquisa previamente vivenciada pela comunidade cujos, resultados servirão tão somente aos textos acadêmicos, dissociada de uma resposta a uma expectativa criada naquela esfera social. Ou seja, o trabalho de campo realizado junto à comunidade foi, tão somente, uma intervenção de coleta de dados. Desta maneira, a falta de confiança e a resistência da comunidade quanto às ações da academia se instalaram. O segundo momento implica na atuação do PET, que chega a comunidade com um olhar menos voraz em relação à produção de dados e,

com o desenrolar das ações, vai construindo junto à população, atuações nos três eixos.

Existe a noção de que nas ações do PET o trabalho de ensino e extensão se sobressai à pesquisa. Como pode ser visto na fala a seguir, há sim uma incursão nos três segmentos:

“Caminha na tríade sim, mas atualmente com foco mais na extensão. Porque os alunos nos primeiros períodos teriam mais dificuldades em trabalhar com a pesquisa, e a gente precisava estimular neles outras habilidades para então desenvolver a pesquisa. Temos projeto de pesquisa? Sim, os vários trabalhos apresentados em eventos científicos mostram que nós temos projeto de pesquisa. Mas nenhum assim, tão grandioso que tivesse gerado referência ou artigos. No ensino eu acho que a grande conquista é motivá-los a estudar diferentes referenciais teóricos para as atividades da extensão. [...] Então, como ele precisa enfrentar uma realidade que ele não conhece, ele precisa estudar um referencial que talvez o docente não tenha ainda estudado na sala de aula. Então isso é uma facilidade porque quando estiver de frente a esse assunto, ele já conhece um pouco sobre aquilo”. (Tutor-2)

Esta expectativa também aparece nas falas dos petianos:

“A gente desenvolve muito na área da extensão, da comunicação, na apresentação de eventos, mas a gente ainda sabe que tem uma deficiência na pesquisa”. (Petiano-8)

“Mas eu acho que, pra o desenvolvimento da pesquisa, de artigo científico, da produção científica propriamente dita, falta muito tempo e também falta experiência. No meu caso, eu sinto muita falta de experiência na questão da pesquisa qualitativa”. (Petiano-2)

Desta forma, apesar da atuação do PET primar pela atuação indissociável no ensino, pesquisa e extensão, como em outros projetos acadêmicos, existe uma negociação sobre qual é o momento mais propício para desenvolver esta ou aquela potencialidade. Fatores como a gestão do tempo e a maturidade do grupo para a escrita de artigos científicos parecem ser os pontos críticos para que estes grupos PET consigam realizar uma publicação mais qualificada de seus trabalhos acadêmicos.

V. O PET e a atuação docente

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE,

2011a, p.12). Refletindo nesta lição deixada por Paulo Freire, é possível afirmar que a atuação no PET influencia diretamente a atuação do professor tutor.

“O tanto que eu aprendi em relação à metodologia de trabalho, eu sabia trabalhar em sala de aula e hoje posso dizer que eu aprendi outras formas de relações que promovem o ensino que não a sala de aula. Eu aprendi por essa vivência, tentando e acertando, tentando e errando, e eu aprendi diferente formas, mas eu acredito que são formas muito produtivas que eu vou conseguir carregar pra outras instâncias e que já estou conseguindo carregar, inclusive para a pós-graduação”. (Tutor-2)

A influência também pode ser identificada junto ao corpo docente da Universidade. Na fala a seguir o Tutor-2 apresenta uma situação em que o Petiano busca o professor de sua área para desenvolver uma pesquisa, cujo problema nasce no campo de ação do PET. Ele instiga o professor a uma ação que, talvez, não seria empregada pelo professor por iniciativa própria.

“Um professor das ciências básicas me procurou pra conversar, pois o Petiano de biologia o procurou diante de uma situação que nós temos: uma comunidade aonde a gente desenvolve um projeto de geração de renda, aonde a proposta é a criação de galinha caipira. Só que essa comunidade é já tem incidência de leishmaniose tegumentar e visceral e a criação de galinha aumenta o risco. Então, esse aluno procurou esse professor para propor uma pesquisa. E esse professor, com grande interesse me procurou hoje pra negociar parcerias”. (Tutor-2)

“Você pode até negar, mas fica muito difícil não ter uma influência porque você vive o dia a dia com o aluno, você começa a ver que as coisas são mais simples do que a gente imagina, você começa a enxergar melhor as dificuldades dos alunos e conhecer melhor os alunos porque o grupo PET se aproxima muito dos alunos, e vários alunos ao mesmo tempo, o grupo às vezes tem 25 alunos de diversas áreas e diversas características. Com os alunos você vai conhecendo as coisas que vão acontecendo ao nível deles. Eu acho que só como professor lá na frente, você tem muita dificuldade de conseguir isso. Você começa a falar um pouquinho a linguagem deles e eles começam a acreditar mais em você, eu noto isso no meu curso, eu dou aula para turmas grandes, e é fácil, não é difícil. E é nessa linguagem que eu estou conseguindo conversar com eles”.(Tutor-1)

Apesar de reconhecerem esse o ganho, os tutores indicam a dificuldade em conseguir atuar no ensino em diversas áreas, por vezes distinta da que tem formação:

“Talvez, se esse PET fosse exclusivamente da minha área mesmo, eu teria mais facilidade”. (Tutor-1)

“Ainda peca muito no ensino o programa no sentido do tutor, ele tem uma área de formação [...] e pra que esses alunos fossem bem preparados no ensino era necessário, não que tivesse todos os cursos, mas ao menos um docente de cada área [...] poderia nortear e orientar melhor nesse aspecto do ensino, porque eu não dou conta de contribuir em todos esses aspectos”. (Tutor-2)

Por fim, se destaca o fato do aluno que não esteja em um curso de formação de professores, passar a enxergar a sua prática profissional como uma ação docente:

“Quando eu entrei no PET, eu vi que eu ia trabalhar com educação, mesmo estando no bacharelado [...]. Ser a gente multiplicador de tudo que você aprendeu, eu acho que o PET deixa isso bem claro. Em todas as áreas, acaba que de certa forma você é um educador”. (Petiano-3)

Esta é uma percepção coerente com o que Libâneo (2010, p.51) descreve que hoje o entendimento de que as práticas educativas estendem-se às mais variadas instâncias da vida social não se restringindo, portanto, à escola e muito menos a docência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação superior brasileira carece de alternativas que favoreçam uma construção de conhecimento articulada com a sociedade. Isto, tanto no sentido de dialogar com as suas necessidades da comunidade, quanto de saber lidar com o perfil de aluno que entra na academia e, tendo uma adequada base, vai ser entregue ao mercado de trabalho.

O modelo de aprendizagem do PET traz uma perspectiva interessante nesta direção. Os dois grupos PET investigados, segundo os colaboradores, têm um planejamento democrático das suas ações, que importa a contextualização nas comunidades de ação, em diálogo como o ambiente universitário.

Estes grupos favorecem a maior integração dos alunos nas atividades universitárias e sociais, o que favorece uma melhor adaptação do aluno ao seu meio educacional e profissional. Ao mesmo tempo, leva o docente a repensar a sua prática e a adotar meios diferenciados de contextualizar o ensino aprendido, tanto no PET quanto nas suas turmas regulares.

Os grupos conseguem desenvolver atividades que impulsionam o diálogo da teoria com a prática, contemplando ainda uma atuação multidisciplinar. Apesar de necessitar de um maior esforço para conquistar uma produção científica mais qualificada, os grupos conseguem desenvolver ações que integram ensino, pesquisa e extensão.

Apesar disso, é um discurso marcante o da necessidade de maior apoio institucional para o PET. Seja por parte da gestão da Universidade, das coordenações de cursos, ou do corpo técnico. O maior engajamento com o planejamento do programa pode implicar um acréscimo na formação de profissionais cada vez mais qualificados tecnicamente, e que ao mesmo tempo tem a sensibilidade de considerar a sua prática em um seio social, do qual faz parte.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 ed., Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

ALMEIDA, Carina Santos de. Possibilidades ou limites da memória dos jovens: a história oral e a técnica metodológica Grupos Focais. **Métis: História & Cultura**, v. 8, n. 15, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação (CNE). **Parecer CNE/CES n. 1133 de 07 de agosto de 2001**: Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em enfermagem, medicina e nutrição. Brasília, 2001.

_____. **Resolução CNE/CES nº 1, de 2 de fevereiro de 2006**: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em engenharia agrônoma ou agronomia e dá outras providências. Brasília; 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **REUNI 2008 – Relatório de Primeiro Ano**. Brasília: MEC, 2009.

_____. Ministério da Educação. Portaria nº 976, de 27 de julho de 2010: - Atualizada pela Portaria nº 343/2013 – dispõe sobre o Programa de Educação Tutorial – PET. **Diário Oficial da União (DOU)**, Brasília: Imprensa nacional, 31 out. 2013, Seção 1.

_____. Ministério da Educação. **REUNI: expansão**. Brasília: MEC, 2010b. Disponível em: <www.reuni.mec.gov.br>. Acesso em 10 de fevereiro de 2014.

CASTRO, Cláudio de Moura. **O PET visto por seu criador**. S/D. p.3. Disponível em: www.ufrb.edu.br/petmataatlantica>. Acesso em 03 dez 2012.

COULON, Alain. **A Condição do Estudante**: a entrada na vida universitária. Tradução de Georgina Gonçalves dos Santos, Sonia Maria Rocha Sampaio. Salvador: Edufba, 2008.

FIOR, Camila Alves; MERCURI, Elizabeth. Formação universitária e flexibilidade curricular: importância das atividades obrigatórias e não obrigatórias. **Psicologia da Educação**, n. 29, p. 191-215, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio. O Trabalho Coletivo como Princípio Pedagógico; Paulo Freire e a Educação Superior. **Revista Lusófona de Educação**, v. 24, n. 24, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HOSS, Ligia Beatriz. **Compromisso social e formação pessoal no ensino de ciências exatas (re)pensando a ação docente**. 2009. 129 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas) - Centro Universitário Univates, Lajeado: 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em 14 de fevereiro de 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTIN, Maria da Graça Moraes Braga. **O Programa de Educação Tutorial - PET: formação ampla na graduação**. 2005. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2005.

MEIHY José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed., São Paulo, Abrasco, 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta et al. Ensino Superior no Brasil: expansão, diversificação e inclusão. In: **Congresso Associação de Estudos Latino Americanos**. São Francisco, Califórnia: 2012.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar; CORTELAZZO, Ângelo Luiz. Flexibilidade curricular: a experiência em desenvolvimento na Unicamp. **Avaliação**, v. 7, n. 4, p. 115-128, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. Coimbra: Almedina, 2013.

SANTOS, Marcos Pereira dos. Extensão Universitária: espaço de aprendizagem profissional e suas relações com o ensino e a pesquisa na educação superior. **Revista Conexão UEPG**, v. 8, n. 2, p. 154-163, 2012.

SAVIANI, Demerval. A expansão do Ensino Superior no Brasil. **Poíesis Pedagógica** - V.8, N.2 ago/dez. 2010.

SILVEIRA, Paulo Roberto; SILVEIRA, Marta Íris Camargo Messias da; MESSIAS, Andressa Rodrigues. Monitoramento, permanência e promoção da diversidade: as ações afirmativas em risco na Universidade Federal de Santa Maria-RS. In: SANTOS, Jocélio Teles dos (org.). **O impacto das cotas nas universidades brasileiras (2004-2012)**. Salvador: CEAO, 2013.

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira, et al. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Psicologia Escolar e Educacional**. v.12, n.1, p. 185-202, 2008.

UFVJM, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. **Página eletrônica da UFVJM**. Disponível em: < <http://www.ufvjm.edu.br>>. Acesso em 23 abr 2014.

ARTIGO 2

FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO ÂMBITO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL: estudo de dois grupos institucionais da UFVJM

RESUMO

A partir dos relatos da vivência de alunos bolsistas e tutores, este artigo pretende discutir a contribuição do Programa de Educação Tutorial (PET) para a formação dos participantes dos dois grupos institucionais da UFVJM em Diamantina, quais sejam: "Conexão dos Saberes" e "Estratégias para diminuir a retenção e a evasão". Trata-se de um estudo de enfoque qualitativo de natureza exploratória e descritiva que utilizou como marco metodológico a História Oral. Tendo a fala dos sujeitos como base para as discussões, notou-se que existe a articulação de áreas no planejamento e execução das atividades do PET. Esta se mostrou benéfica para o amadurecimento de uma identidade profissional dos estudantes, melhorando as perspectivas de sua formação.

Palavras-chave: Educação Tutorial; Formação Acadêmica; Formação Profissional; Ensino Superior; Interdisciplinaridade.

PROFESSIONAL TRAINING IN THE CONTEXT OF TUTORIAL EDUCATION PROGRAM: study of two groups of institutional UFVJM

ABSTRACT

From the reports of scholarship students and tutors, this article aims to discuss the contribution of Tutorial Education Program (TEP) for the formation of participants in the two institutional groups of UFVJM in Diamantina, namely: "Connection of Knowledge" and "strategies to decrease the retention and avoidance." This is a study of qualitative approach to exploratory and descriptive nature that used the methodological landmark Oral History. Having the speech of the subjects as a basis for discussion, it was noted that there is an articulation of areas in the planning and execution of activities of TEP. This has proved beneficial for the ripening of a professional students identity, improving the prospects for their formation.

Keywords: Tutorial Education; Academic training; Professional formation; Higher Education; Interdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

A Universidade e o ensino superior estão em busca de identidade, a fim de dialogar com as relações sociais modernas, impulsionadas pelas transformações do sistema econômico mundial, das relações de trabalho e emprego, das novas tecnologias, enfim, do contínuo desenvolvimento da sociedade. Esta busca é também uma negociação com as políticas de acesso, permanência e inclusão da educação superior nacional, impulsionadas na última década.

Para a Universidade responder às demandas de forma adequada, não cabe o modelo de educação bancária, descrita por Paulo Freire (2011b, p. 58), em que o educador faz comunicados e depósitos, e os estudantes recebem pacientemente, memorizam, repetem, guardam e arquivam, ou seja, uma educação essencialmente teórica e tecnicista, desarticulada do contexto social de formação dos indivíduos. Afinal, participar da construção do saber, e não apenas recebê-lo já elaborado, é uma condição fundamental de independência e autonomia pessoal (LARA, 2003, p. 87).

Apresenta-se neste contexto a reflexão de João J. Severino (2000, p.68) que indica que todas as formas de manifestação concreta da existência humana se realizam mediante a ação real, o agir prático. Assim, a educação não pode mais ser vista como processo mecânico de desenvolvimento de potencialidades, mas, sim, necessariamente, um processo de construção. Ou seja, como uma prática mediante a qual os homens estão se construindo ao longo do tempo.

Apesar disso, a escola, na sua forma atual, ainda superestima o ensino dividido em conteúdos que visa a transferência de saber, negligenciando muitas vezes os espaços informais (FREIRE, 2011a, p. 25). Esta segmentação e a desvalorização do saberes atuam de forma a suprimir a possibilidade de uma leitura mais ampla do contexto de vivência. A inteligência reducionista, fragmentada, compartimentada, mecânica, disjuntiva, rompe o complexo do mundo em fragmentos desarticulados, despedaçando problemas e separando o que está ligado, faz o multidimensional unidimensional. Essa inteligência é míope e, muitas vezes cega. As possibilidades de compreensão e reflexão são cortadas pela raiz, as chances de julgamento corretivo ou de uma visão de longo prazo são drasticamente reduzidas (MORIN, 2011, p. 17).

Em uma perspectiva emancipatória, a ação pedagógica através da interdisciplinaridade aponta para a construção de uma escola participativa e decisiva na formação do sujeito social (GADOTTI; ROMÃO, 2013, p.161).

Isto posto, em lugar de abandonar o desenvolvimento cultural dos trabalhadores a um processo difuso, trata-se de organizá-lo. É necessário, pois, que eles disponham de organizações culturais pelas quais possam participar, em igualdade de condições com os estudantes universitários, da discussão, em nível superior, dos problemas que afetam toda a sociedade e, portanto, dizem respeito aos interesses de cada cidadão. Com isto, além de propiciar o clima estimulante imprescindível à continuidade do desenvolvimento cultural e da atividade intelectual dos trabalhadores, tal mecanismo funciona como um espaço de articulação entre os trabalhadores e os estudantes universitários, criando a atmosfera indispensável para vincular de forma indissociável o trabalho intelectual e o trabalho material (SAVIANI, 2010, p.16-17).

Um modelo educacional que pretende contemplar as necessidades atuais é método tutorial do PET. Este se fundamenta na atividade prática como ponto de partida para a produção do conhecimento, ou seja, em seu trabalho, compreendido em todas as formas de atividade humana através das quais o homem apreende, compreende e transforma as circunstâncias, ao mesmo tempo em que é transformado por elas (MARTIN, 2005. p.78).

Criado em 1979 na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Programa de Educação Tutorial (PET) é vinculado ao Ministério da Educação (MEC) que se desenvolve em grupos de até 12 estudantes de graduação com tutoria de um docente. É orientado pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 2013, p.40). Atualmente o PET conta com 842 grupos distribuídos entre 121 instituições de ensino superior (BRASIL, 2014.), o que pressupõe um quantitativo potencial de mais de 10 mil alunos bolsistas.

Através da introdução de novas ações pedagógicas na graduação visa o desenvolvimento de atividades acadêmicas de natureza coletiva e interdisciplinar, pretendendo contribuir para a elevação da qualidade da formação acadêmica dos alunos de graduação, a fim de estimular o espírito crítico, bem como a atuação profissional pautada pela cidadania e pela função social da educação superior (BRASIL, 2013, p.40).

Alguns estudos realizados sobre o programa relatam que se trata de um instrumento pedagógico importante. Que a metodologia de trabalho do PET favorece o amadurecimento profissional e pessoal, bem como uma formação ampla e

diversificada. E ainda, que através das experiências multidisciplinares contribui para diminuir a fragmentação do conhecimento, a fim de possibilitar profissionais mais comprometidos com a realidade social, e com o aprimoramento dos conhecimentos técnico-científicos (SILVA; CRUZ; CAMARGO, 2009, p.66; PETRILLI FILHO; MARTINS, 2001, p.93; SOARES et al, 2010, p.149; TOSTA et al, s/p, 2006).

Na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), instituição de ensino superior, localizada nas regiões mais ao norte do estado de Minas Gerais, existem atualmente seis grupos do PET ativos. Dois destes grupos assumem abrangência institucional, agregando estudantes dos vários cursos da Universidade. Portanto, suas atuações são interdisciplinares.

Apesar de apontamentos empíricos, inexistem nesta Instituição estudos que tenham se proposto a verificar qualidades e valências que o PET tenha propiciado aos estudantes, através das suas ações. Por se tratar de um programa abrangente e que demanda um considerável investimento financeiro público, tornam-se pertinentes incursões neste sentido. O presente estudo tem a intenção de explorar, através das falas dos sujeitos que vivenciaram ou vivenciam as práticas do PET, aspectos que este programa tenha fomentando para a formação de profissionais de nível superior.

Desta forma, objetiva discutir a partir dos relatos de vivência de alunos bolsistas e tutores, a contribuição do Programa de Educação Tutorial (PET) para a formação dos participantes dos dois grupos institucionais da UFVJM em Diamantina, quais sejam: "Conexão dos Saberes" e "Estratégias para diminuir a retenção e a evasão"

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de enfoque qualitativo (MINAYO, 2008, p. 22-23) de natureza exploratória e descritiva (GIL, 2010, p. 45), no qual se utilizou da história oral como marco metodológico, tendo em vista que este método de pesquisa possibilita estudar acontecimentos históricos, institucionais, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas, etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou testemunharam (ALBERTI, 2004, p. 18). Também, considerando que a visão de mundo que norteia o depoimento imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados constituindo elemento indisponível para a compreensão da história do grupo social (ALBERTI, 2004, p. 24).

Sendo assim, foram investigados os dois grupos do PET institucionais, com atuação multidisciplinar, do Campus da UFVJM em Diamantina (MG). Os dados foram coletados entre 17 de agosto a cinco de setembro de 2013, nas dependências da UFVJM.

Foram feitas entrevistas individuais junto aos dois tutores dos grupos PET: bacharéis, professores doutores, ocupantes de cargo efetivo da UFVJM em regime de dedicação exclusiva, com idade entre 35 e 54 anos, com 12 anos de docência no ensino superior e dois anos e nove meses de tutoria no PET.

Também foi realizado um grupo focal com a participação de oito alunos da UFVJM integrantes destes dois Grupos PET com idade média de 23 anos. Cinco destes estudantes estavam matriculados em cursos da área das Ciências Biológicas e da Saúde, dois da área das engenharias e um das ciências agrárias. O tempo médio no curso de graduação correspondia a sete semestres letivos sendo dois anos e nove meses de tempo médio de participação no PET. O critério para inclusão foi a participação, por pelo menos um ano, no PET da UFVJM.

Estas técnicas de coleta são bastante pertinentes, pois, a metodologia da história oral consegue captar a perspectiva mnemônica de seus narradores, principalmente através da entrevista individual, independentemente da categoria geracional e, a técnica do grupo focal é capaz de amplificar as vozes e apresentar os consensos e dissensos de grupos (ALMEIDA, 2011, p. 104).

Para balizar o diálogo, foram utilizadas questões norteadoras abertas. As entrevistas e o grupo focal foram registrados em gravador digital. Após coletados foi

feita a transcrição das entrevistas e do grupo focal, a fim de constituir a primeira versão dos depoimentos, base de trabalho das etapas posteriores. Este foi um primeiro e decisivo esforço de traduzir para a linguagem escrita aquilo que foi gravado (ALBERTI, 2004, p. 147). Os passos seguintes foram a eliminação das perguntas do texto, correção dos erros de gramática, a reorganização cronológica da entrevista. Nessa etapa, denominada textualização escolheu-se o tom vital, que consistiu na seleção de uma frase que serviu como tema para a leitura da entrevista. Posteriormente veio a transcrição, momento em que o autor interfere no texto, refazendo-o várias vezes visando seu aperfeiçoamento. Por fim, a conferência da versão trabalhada (MEIHY, 2005, p.195-198).

Obteve-se a aquiescência dos participantes que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo informado o objetivo do estudo. A fim de garantir o anonimato, foram adotados pseudônimos, substituindo os nomes dos professores por: "Tutor-1" e "Tutor-2", e dos estudantes por: "Petiano-1", "Petiano-2", "Petiano-3", "Petiano-4", "Petiano-5", "Petiano-6", "Petiano-7" e "Petiano-8".

O estudo foi submetido via Plataforma Brasil à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFVJM. Através do parecer número 340.938 de 30/07/2013 foi aprovado por constatar que o estudo atende aos preceitos éticos para pesquisa envolvendo seres humanos, preconizados pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

I. Fortalecimentos de identidades pessoais e profissionais em um contexto interdisciplinar

O primeiro aspecto a ser abordado é a contribuição do programa para o desenvolvimento de atividades que circulam em áreas de conhecimento e atuação profissionais distintas.

“Eu sinto desde o início da graduação essa dificuldade de comunicação entre os cursos da Universidade. Dentro do PET, a gente teve um pouco de experiência de comunicação, não só entre os grupos PET, mas entre os cursos e outros projetos dentro da Universidade. O meu curso ele tem suas atividades de extensão, mas dentro do PET eu pude ampliar a visão interdisciplinar. E isso contribuiu muito para a minha formação no sentido de aprender a trabalhar não só em equipe, mas ver também que o meu curso pode estar auxiliando em outras atividades das ciências da saúde”. (Petiano-1)

Nesta fala aparece a percepção de que o PET, por sua interdisciplinaridade, extrapola a atuação acadêmica existente no âmbito do curso de graduação. Partindo do pressuposto de que a interdisciplinaridade é essencialmente um processo que precisa ser vivido e exercido (FAZENDA, 2008, p.11), o trabalho do grupo possibilita um diálogo que pode trazer benefícios no campo social, profissional e acadêmico.

O trabalho em equipe combinado com a conexão de áreas fomenta o reconhecimento das identidades profissionais pelos petianos:

“Mesmo que tenha um público alvo: “o que agrárias tem a ver com saúde?”. “Espera aí: mas tá cuidando de certa forma é da alimentação das pessoas”. E isso não tem a ver com a saúde não? [...] E eu vejo que, dentro de nosso PET, a gente pode ter um maior contato com alunos, ver o que os alunos pensam, e com os cursos da Universidade. Coisa que dentro de nosso, no caso, do meu curso, eu não tenho. Eu tenho contato, o quê, com os alunos do meu curso. Então o PET possibilitou esse contato com os outros futuros profissionais, e isso contribui, de forma significativa, na nossa atuação profissional. Seja em qualquer lugar, eu tenho que trabalhar em equipe, eu tenho que trabalhar com os outros professores, eu tenho que saber trabalhar em equipe. Porque, de certa forma, a gente tem objetivos em comum lá dentro da escola. E também, quero dizer, que outros profissionais da saúde, vão ter que trabalhar de forma articulada. Só que aí, quando a gente não tem essa vivência dentro da Universidade, a gente vai para o nosso campo de atuação profissional de forma muito específica”. (Petiano-1)

É um processo de tomada de consciência gradativa das capacidades, possibilidades e probabilidades de atuação em que vão sendo construídas as

identidades pessoais e profissionais dos sujeitos. Um projeto individual de trabalho e de vida vinculado a um projeto maior, o do grupo ao qual o indivíduo pertence, às suas vinculações e determinações histórico-sociais no qual o sujeito está inserido (FAZENDA, 2008, p. 49). Essa possibilidade de conhecer e reconhecer a atuação de diferentes profissionais ajuda a estabelecer a consciência sobre os limites de sua atuação, bem como o respeito aos campos de atuação dos outros profissionais.

“Eu vejo assim, mesmo quando a área é específica da pessoa, e você adquire opinião de diversas áreas dentro daquela área específica. Você consegue trabalhar de diversas formas, mesmo sendo específico”. (Petiano-7)

“Por mais que, tendo essa visão ampliada de uma série de coisa, tem a consciência e o pé no chão que você não tem domínio sobre a área de conhecimento do outro. Você sabe superficial. Você vai, com certeza poder contribuir em alguma coisa que o outro está fazendo, mas não tomar propriedade do conhecimento que é específico do outro, que o outro está estudando”. (Petiano-3)

A possibilidade que estes grupos PET oferecem de circular por vários contextos permite ao estudante elaborar uma postura crítica na busca de uma área de atuação mais próxima do seu campo de atuação profissional.

Mas pelo fato do PET oferecer outras oportunidades [...] e a gente sabe, mesmo que seja multidisciplinar aqui, uma hora você tem que definir em qual área você vai seguir. Então, eu acho que o PET te proporciona ver a prática de várias áreas e te facilita entrar em uma área que você realmente tem afinidade”. (Petiano-6)

“A gente tem um projeto na área da agricultura, aí os patrocinadores do projeto falam: “o que uma enfermeira tem a ver com criação de galinha?” “O que ela vai fazer?” Aí, todo mundo cai na risada. “você vai cuidar da galinha?” Aí você fala: “não, eu vou cuidar das pessoas que mexem com as galinhas”. (Petiano-3)

Ao mesmo tempo, esta não identificação de área de atuação específica gera certa ansiedade e, por que não dizer frustração em alguns estudantes:

“Não tem uma área específica, é geral. Então, por enquanto, não dá para enxergar, por exemplo, o que a nutrição pode fazer nessa parte”. (Petiano-5)

“Assim, que tenha contato, não que você vá fazer só o que é de sua área, do seu curso não, você vai ter que acabar fazendo coisas que você não aprendeu na graduação e não iria aprender. Mas, assim, você quer se enxergar como educador físico. Assim, isso é indispensável, você tá fazendo o curso, você quer se enxergar. Eu não estava me enxergando no meu curso dentro do PET, eu não estava enxergando o que eu poderia fazer”.(Petiano-8)

Este é um obstáculo que apareceu de forma bem delineada, uma necessidade de visualizar um campo de atuação profissional de forma mais latente. Contudo, por mais que a diversidade de ações possa englobar um contexto multidisciplinar e, de certa maneira, inespecífico, as benesses para a formação do sujeito ainda estão presentes, pois, este tipo de atividade extracurricular tem importância no desenvolvimento do senso de identidade profissional. Tais atividades, possivelmente, propiciam o desenvolvimento da autoeficácia profissional e auxiliam, dessa forma, a consolidar um sentimento de satisfação com a profissão e o curso escolhidos (TEIXEIRA; CASTRO; PICCOLO, 2007, p. 216).

II. Novas perspectivas dos Petianos

O estudante começa a questionar a sua atuação e seu campo de atuação profissional, rompendo como barreiras e estigmas sociais e historicamente construídos para a sua área de atuação profissional:

“Até mesmo assim, a gente vai tendo um amadurecimento, a gente vai crescendo e tendo essa visão crítica. Quando faz os festivais itinerantes, o pessoal da educação física começou a questionar porque o pessoal ficava fechado lá para dentro, fazendo as discussões e o pessoal da educação física ia lá para fora brincar com os meninos. A não poxa, eu não estou aqui quatro anos para servir de babá! Eu não quero ficar cuidando dos filhos, correndo atrás de menino para os pais ficarem lá dentro. Eu acho que a atividade que a gente tem que fazer, o nosso propósito não é esse, deixar alguma coisa de aprendizagem para eles? Os próprios alunos vão construindo essa visão crítica”. (Petiano-3)

Este questionamento crítico vem de uma perspectiva de rompimento com a alienação, da não aceitação das regras impostas, que implicam na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo, a fim de transformá-lo (FREIRE, 2011b. p. 93). Para tanto, o ato de saber não pode ser visto como pura receptividade por parte do sujeito, mas é um movimento que flui do sujeito para o objeto e vice-versa, resultando na produção conjunta do ser humano e de seu mundo (LARA, 2003, p. 89).

Nesta perspectiva da atuação profissional, a autonomia e autoestima conquistadas pelo petiano favorecem para que ele busque superar os desafios que venham a se apresentar em sua vida profissional:

“O PET, tudo que você aprende você chega depois para trabalhar em qualquer área, você já fica como se você chegasse antes numa empresa,

“você vai poder falar em público se você precisar? Se fosse antes eu falava: ah, não sei. Agora não falo: “Ué, com certeza!”.” (Petiano-5)

“Pode ser uma função que eu não tenha trabalhado no PET, mas se me pedir: você sabe trabalhar em tal área, você tem algum conhecimento, eu falo “sim”. Se no PET, em outras áreas, eu consegui ter um conhecimento, mesmo que sendo pouco, eu consegui trabalhar também. Eu posso ir lá, correr atrás pra eu poder ter esse conhecimento [...]. Se for só na minha graduação, por exemplo, se chegar lá para atuar, e tem uma situação que eu tenho que resolver, aí eu falo: “não, sou dessa área não”, jogo pro lado. Foi o PET que me fez ver que não, que eu posso ver uma possibilidade de trabalhar com isso”. (Petiano-6)

Trata-se mesmo de uma mudança que ocorre gradualmente, que vai se introjetar de forma profunda no estudante, e isto afeta sua autoestima, seu comportamento perante o outro, seu modo de ação, dentre outros:

“Eu acho que o PET assim, expande a sua visão. Aí, no final do curso, e durante o curso, você vê muitas possibilidades. Então, depois que você já passou por todo aquele processo, você tem uma segurança maior. Aí, você sabe que na área que eu me dedicar, na área que eu me encaixar, o que eu precisar fazer, eu vou dar certo. Porque eu criei aquele hábito de correr atrás, de buscar, eu acho que isso é o diferencial”. (Petiano-4)

“Eu aprendi a lidar com a minha insegurança [...] aprendi a enfrentar a minha timidez [...]. Eu sempre vou ter essa insegurança, mas eu estou aprendendo a lidar com ela de forma que ela não me prejudique. E a gente vai vendo a evolução, e é muito bacana isso”.(Petiano-1)

“Agora eu me vejo dando força: “preocupa, não é assim mesmo!” Eu, quem diria, meus amigos que não eram da Universidade falam: “você mudou demais”, “você não conversava dessa forma”, uma mudança que eu ainda não tinha visto e que as outras pessoas vêem em mim, uma coisa que eu não tinha visto”. (Petiano-3)

A mudança no perfil do estudante também é notada pelos tutores quando comparada as fases do aluno, dentro do grupo PET:

“Sem dúvida nenhuma há diferença do aluno que chega para o que está saindo é muito grande, [...] eles amadurecem demais, começam a conhecer tudo da Universidade. Se ele pensa na carreira acadêmica, ele tá no lugar ideal. O crescimento dele é absurdo nesse ponto, mesmo na vida também. [...] O tanto que ele está mais dinâmico, [...] antes eles demoravam a decidir as coisas quando passava uma tarefa, agora não, tá muito bom, já tá pronto para a vida profissional”. (Tutor-1)

“Esse aluno quando entra realmente não tem iniciativa, tomada de decisão, autonomia, ele ainda vem carregado de questões como falta de oportunidades e preconceitos que dificultam a vida social dele, além da vida acadêmica. Então ele não é realmente um aluno muito fácil de trabalhar. Mas diferente do que a gente “espera”, quando ele consegue dar o primeiro passo, ele dá muito mais valor do que o outro porque, para ele, aquele primeiro passo é muito maior do que daquele que já tem o primeiro passo iniciado”. (Tutor-2)

“E mesmo os mais discretos, mesmo se você falar assim: “pô, fulano ainda não tá bom”, mas se você for olhar o tanto que ele melhorou, porque a gente sempre quer um pouquinho mais”. (Tutor-1)

Estas mudanças possivelmente poderiam ser observadas em outras situações acadêmicas. Contudo, no contexto apresentado, parece que o PET traz possibilidades de aflorar potencialidades a serem utilizadas na futura atuação destes estudantes.

III. Contribuições para a formação na graduação

O movimento de ensino aprendizagem colaborativa traz impactos para a formação acadêmica dos Petianos e, de certa forma, intervém na perspectiva daqueles estudantes:

“Nós temos dois alunos da área das agrárias, que aqui na Instituição é uma das que mais retém alunos, até pela questão do cálculo. Eles iniciaram comigo como voluntários, voluntários mesmo, porque eles não podiam ser nem voluntários do PET, porque, para ser voluntario do PET, tem que ter média acima de 60. Começamos a trabalhar pra que eles pudessem desenvolver a média pra que eles pudessem concorrer como voluntários do PET. O fato é que esses dois alunos já estavam descartados de concluir a graduação. Um inclusive, eu acho que já tem seis anos no curso. Mas assim, eu não tinha muita expectativa que esse aluno avançasse de verdade, e hoje ele desenvolve as ações com autonomia, antes ele não se comunicava, hoje ele desenvolve as atividades com autonomia, comunicação, vai conseguir concluir o curso até o ano que vem, tem mantido média acima da nota, porque ele tem se mantido no projeto. A iniciativa e o trabalho dele são tão envolventes e tão empolgantes, que ele pega a moto dele, por conta dele, o carro dele, ele acaba gastando a gasolina da bolsa dele, pra não perder essas atividades. [...] Então assim, autonomia ele criou, essa iniciativa ele desenvolveu e o outro, de quem eu esperava menos ainda, tive que fazer várias advertências, ele hoje tá no programa Ciência sem Fronteiras, então, o fato dele concorre no edital do Ciência sem Fronteira, isso todo mundo faz, não, esse aluno não faria, ele não concorreria, só o fato dele concorrer e ter conseguido já foi muito bom”. (Tutor-2)

Estes dois exemplos representam uma experiência bastante interessante para a Universidade no panorama atual. São casos de estudantes com perfis comumente recusados em projetos extracurriculares de ensino, pesquisa e extensão, que se encaminhavam para endossar estatísticas de insucesso no ensino superior e, por meio de uma oportunidade, de certa forma, inesperada, mudou a sua trajetória acadêmica e, por que não dizer, profissional. Esta constatação de que a participação no PET é um impulsionador da formação do estudante não é apenas

um factóide, esta afirmativa pode ser corroborada em documentos oficiais como o Relatório Geral da Avaliação Nacional do PET de 2006 (BRASIL, 2006, p.13-15) e também em publicações acadêmicas sobre o programa feitas por SOARES et al (2010, p. 144-146); SILVA; CRUZ; CAMARGO (2009, p.61-62); DAMASCENO; BRUNÓRIO; ANDRADE (2006, p.163) dentre outros.

Abaixo, outro relato de como a participação no PET se prestou para a formação de estudantes:

“Uma aluna que no meio de execução do PET conseguiu uma bolsa de nível superior, enquanto ela era graduanda, ela concorreu com profissionais de nível superior e ela trabalhou durante um tempo nesse projeto, conseguindo manter as duas atividades, ele retomou agora exclusivamente para o PET, está no PET, vai se graduar no final desse mês e já passou na primeira etapa de seleção no mestrado. Então, por exemplo, é mãe de família, moradora de periferia, procedente de zona rural, [...] ela mora com a mãe, sustenta essa família. Então, é uma pessoa que só pelo simples fato dela conseguir concluir um curso de graduação já foi uma vitória. E ela nem concluiu a graduação e já ter passado na primeira etapa do mestrado, já ter conseguido apresentar trabalho a nível internacional, então eu acho que o PET teve influencia significativa nesse processo”. (Tutor-2)

Esta é mais uma fala que exemplifica e corrobora com a tese anteriormente apresentada. Cabe informar que esta (ex)petiana hoje está integrada ao programa de pós-graduação mencionado.

IV. Ampliação dos horizontes dos docentes

Enquanto sujeito no processo de ensino-aprendizagem, a ação do Tutor também é permeada por este trabalho interdisciplinar, visto que no contexto de ação do grupo PET desenvolve o gerenciamento de conhecimentos, ações e estudantes que estão fora do seu campo de formação direta.

“Então, o PET para mim foi muito interessante porque você trabalha os diversos níveis, diversas frentes de trabalho, de pensamento, e você pega gente de vários cursos também. Então você vê realidades diferentes dentro da Universidade. Então é um projeto bastante amplo”. (Tutor-1)

Esta perspectiva contribui para que o docente no exercício da tutoria passe a conhecer e reconhecer outros saberes, levando novos aspectos formativos para a estrutura de funcionamento do seu grupo. A leitura do *habitus* das áreas é ilustrada de forma interessante pelo Tutor:

“Esse semestre mesmo teve um aluno de BHU, ele traz muito dessa área das humanas, então é outro perfil de aluno, é muito interessante, [...] ele trouxe outros pontos de vista, [...] outras dinâmicas. Da saúde também, a gente percebe que tem outra (dinâmica), as experiências são interessantes. E tudo assim, é um laboratório ali na sala do PET. Um ajuda o outro, às vezes eles têm dificuldade em algumas áreas, e um ajuda o outro. [...] O pessoal das agrárias, eles também trazem outras coisas, eles são um pouco mais objetivos, então eles querem acertar rápido. E o pessoal da Ciência e Tecnologia também. A saúde já é um pouco diferente, parece que eles já têm uma experiência com a extensão, eles trazem essa experiência também. Então, quando você mistura todo mundo, dá um resultado interessante. É bom. E esse PET é institucional, e o pessoal leva coisas pra lá também, para os cursos, eles acabam agregando alguma coisa”. (Tutor-1)

É relevante apontar que este processo gera uma cumplicidade pedagógica e social entre os integrantes do programa, como visto na fala anterior, há uma interação entre os alunos no sentido de contribuir para sanar dificuldades do colega, construindo o conhecimento de forma colaborativa e solidária o que agrega mais possibilidades de aprendizagem democrática no ambiente de ensino-aprendizagem (FREIRE, 2011a, p.60).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a evolução da sociedade e a leitura de novos paradigmas, não cabe mais a visão do conhecimento como algo parcelado e apartado da sociedade. Esta separação que perdurou (e ainda perdura) provocou uma valorização excessiva da formação tecnicista indiferente do contexto de atuação profissional. Atualmente, a leitura que se faz é que as instituições de ensino superior devem favorecer a formação de profissionais mais flexíveis, a fim de realizar uma leitura crítica às suas atuações e das necessidades da sociedade em que atua. Neste estudo, foram apresentados elementos que colocam o PET como uma metodologia de trabalho interessante neste sentido.

Nos grupos investigados, notou-se que existe a articulação de áreas no planejamento e execução das atividades. Desta forma, existe a construção de um trabalho que ocorre de forma interdisciplinar, o que, na visão dos colaboradores, irá gerar reflexos para a atuação dos estudantes em seu contexto profissional.

Este contexto é benéfico também para o amadurecimento de uma identidade profissional, ao mesmo tempo em que provoca a reflexão do espaço do outro profissional e da influência deste no seu próprio campo de atuação. Ao mesmo tempo, favorece a autoestima dos estudantes que vislumbram uma melhor perspectiva na sua atuação profissional.

Favorece também que se estabeleça um contexto de ensino aprendido mais solidário, em que os próprios alunos passam a se apoiar na busca de uma melhora global. Impulsiona também a melhoria das perspectivas acadêmicas, tanto no sentido de resgatar o desempenho do estudante, quanto para incitar novos horizontes profissionais e acadêmicos. Implica também na atuação dos professores tutores, na medida em que chama para uma atuação distinta daquela que está habituado.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 ed., Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

ALMEIDA, Carina Santos de. Possibilidades ou limites da memória dos jovens: a história oral e a técnica metodológica Grupos Focais. **Métis: História & Cultura**, v. 8, n. 15, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Relatório Geral da Avaliação Nacional** – Ano 2006. Brasília, 2006.

_____. Portaria nº 976, de 27 de julho de 2010: - Atualizada pela Portaria nº 343/2013 – dispõe sobre o Programa de Educação Tutorial – PET. **Diário Oficial da União (DOU)**, Brasília: Imprensa nacional, 31 out. 2013, Seção 1.

_____. **Programa de Educação Tutorial (PET)**. Brasília: 2014. Disponível em: <www.portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12223&Itemid=481>, acessado em: 12 fevereiro de 2014.

DAMASCENO, Renata Fiúza; BRUNÓRIO, Ludimila; ANDRADE, Maria Betânia Tinti de. O Programa de Educação Tutorial-Pet-sob a ótica dos iniciantes. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 10, n. 2, p. 160-165, 2006.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 18. ed. São Paulo: Papirus, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio. O Trabalho Coletivo como Princípio Pedagógico; Paulo Freire e a Educação Superior. **Revista Lusófona de Educação**, v. 24, n. 24, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LARA, Tiago Adão. A escola que não tive... o professor que não fui. **Educação e Filosofia**, v. 7, n. 14, 2003.

MARTIN, Maria da Graça Moraes Braga. **O Programa de Educação Tutorial - PET: formação ampla na graduação**. 2005. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2005.

MEIHY José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed., São Paulo, Abrasco, 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PETRILLI FILHO, José Fernando; MARTINS, Danielle Cristine. O programa especial de treinamento na formação do profissional de enfermagem do novo milênio: relato de experiência. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 9, n. 4, p. 91-93, 2001.

SAVIANI, Demerval. A expansão do Ensino Superior no Brasil. **Póiesis Pedagógica** - V.8, N.2 ago/dez. 2010.

SEVERINO, Antônio J. Educação, trabalho e cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 65-71, 2000.

SILVA, Valdenir Almeida da; CRUZ, Jefferson Bruno Ribeiro Lima da; CAMARGO, Climene Laura de. O Programa de Educação Tutorial (PET) como instrumento pedagógico para os alunos de enfermagem. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 23, n. 3, p. 57-66, jan./dez. 2009.

SOARES, Felipe Fagundes et al. Impacto do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal da Bahia na formação profissional dos seus ex-bolsistas. **RPG. Revista de Pós-Graduação**, v. 17, n. 3, p. 143-150, 2010.

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; CASTRO, Graciele Dotto; PICCOLO, Luciane da Rosa. Adaptação à Universidade em Estudantes Universitários: um estudo correlacional. **Interação em Psicologia**, v. 11, n. 2, p. 211-220, 2007.

TOSTA, Rosa Maria et al. Programa de educação tutorial (PET): uma alternativa para a melhoria da graduação. **Psicologia para América Latina**, n. 8, s/p, 2006.

ANEXOS

Anexo I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI
Diamantina – MG



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa intitulada: "**Estudo sobre a formação acadêmica e profissional pelo Programa de Educação Tutorial da UFVJM**", coordenada pelo Mestrando Norberto Geraldo Lima Magalhães, sob orientação do Prof. Wellington de Oliveira, em virtude de ser integrante de um dos grupos PET interdisciplinares da UFVJM em Diamantina-MG,.

A sua participação não é obrigatória sendo que, a qualquer momento da pesquisa, você poderá desistir e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo para sua relação com o pesquisador, com a UFVJM ou com o grupo PET do qual participa.

O objetivo principal desta pesquisa é: "*Discutir os processos de ensino-aprendizagem contextualizados por intermédio da participação dos estudantes de graduação nos dois grupos institucionais do Programa de Educação Tutorial da UFVJM de Diamantina, quais sejam: "Conexão dos Saberes" e "Estratégias para diminuir a retenção e a evasão".*"

Caso você decida aceitar o convite, será submetido(a) ao seguinte procedimento:

- Entrevista individual (caso tutor) ou
 Entrevista em Grupo Focal (caso discente).

O procedimento será gravado e o tempo previsto para a sua participação é de aproximadamente 60 minutos.

Como a pesquisa se trata de um estudo qualitativo é compreensível que algum questionamento possa lhe gerar algum tipo de constrangimento. Assim, a qualquer momento você poderá desistir de participar da pesquisa e, caso não sinta confortável em responder qualquer pergunta apresentada, poderá optar por não a responder.

Os resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em seminários, congressos e similares. Entretanto, os dados/informações obtidos por meio da sua participação serão confidenciais e sigilosos, não possibilitando sua identificação. A sua participação, bem como, a de todas as partes envolvidas será voluntária, não havendo remuneração para tal. Qualquer gasto financeiro da sua parte será ressarcido pelo responsável pela pesquisa. Não está previsto indenização por sua participação, mas em qualquer momento se você sofrer algum dano, comprovadamente decorrente desta pesquisa, terá direito à indenização.

Você receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação agora ou em qualquer momento.

Coordenador do Projeto: Norberto Geraldo Lima Magalhães
Endereço: Rua Professora Zaira Lacedônia Abreu, nº 44, centro – Diamantina -MG
Telefone: (38) 8829-1771 / (38) 9946-2009

Declaro que entendi os objetivos, a forma de minha participação, riscos e benefícios da mesma e aceito o convite para participar. Autorizo a publicação dos resultados da pesquisa, a qual garante o anonimato e o sigilo referente à minha participação.

Nome do sujeito da pesquisa: _____

Assinatura do sujeito da pesquisa: _____



Informações – Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM
Rodovia MGT 367 - Km 583 - nº 5000 - Alto da Jacuba –
Diamantina/MG CEP39100000
Tel.: (38)3532-1240 –
Coordenadora: Profª. Profª. Thaís Peixoto Gaiad Machado
Secretaria: Dione de Paula
Email: cep.secretaria@ufvjm.edu.br e/ou cep@ufvjm.edu.br

Anexo II - Roteiro Grupo Focal com Estudantes



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO
JEQUITINHONHA E MUCURI
Diamantina – MG**



Roteiro Grupo Focal:

1. Comentem como o PET contribuiu ou contribui para formação profissional e acadêmica.
2. Comentem sobre a aprendizagem e a construção do conhecimento no contexto PET.
3. Comentem sobre a interação com petianos, tutor e comunidade.
4. Qual o perfil de um estudante que se forma após participar do PET?
5. Tem mais algum comentário que você gostaria de fazer?

Anexo III - Roteiro Entrevistas Tutores

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO
JEQUITINHONHA E MUCURI
Diamantina – MG**

**Roteiro Entrevistas Tutores:**

1. O que é o PET para você?
2. Quais características o PET trouxe para a sua atuação docente?
3. Como o PET contribuiu para formação profissional e acadêmica dos estudantes?
4. Qual o perfil dos estudantes que atuam no PET?
5. Comentem sobre a interação petianos, tutor e comunidade.
6. Você considera que o PET pode contribuir para os cursos de graduação? Como?
7. Tem mais algum comentário que você gostaria de fazer?

Anexo IV – Parecer comitê de Ética (1ª e última páginas)

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS
VALES DO JEQUITINHONHA E
MUCURI (FAFEID-UF)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Estudo sobre a formação acadêmica e profissional pelo Programa de Educação Tutorial da UFVJM

Pesquisador: Norberto Geraldo Lima Magalhães

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 16097913.3.0000.5108

Instituição Proponente: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 340.938

Data da Relatoria: 30/07/2013

Apresentação do Projeto:

O Programa de Educação Tutorial (PET) presente na UFVJM desde 2007 é um importante instrumento de formação acadêmica e profissional, pois propiciar aos alunos de graduação participantes, sob a orientação de um professor tutor, condições para a realização de atividades que oportunizem vivências não contempladas nos currículos convencionais. Promove, em um contexto didático-pedagógico diferenciado, a interação dos estudantes em cenários da prática possibilitando aquisição de conhecimentos, habilidades e competências fora do ambiente de sala de aula. Na UFVJM, estudos que avaliem questões relacionadas ao PET e a formação dos estudantes participantes são inexistentes. Assim, este estudo se propõe a discutir os processos de ensino-aprendizagem contextualizados por intermédio da participação dos estudantes de graduação nos dois grupos institucionais do Programa de Educação Tutorial da UFVJM de Diamantina, quais sejam: "Conexão dos Saberes" e "Estratégias para diminuir a retenção e a evasão". Para elucidar este contexto, pretende-se desenvolver um estudo exploratório/descritivo de enfoque qualitativo onde será reunidas informações empíricas a fim de desvendar os contextos de ensino-aprendizagem proporcionados pelos grupos PET interdisciplinares da UFVJM de Diamantina-MG. Os dados serão coletados utilizando a técnica de grupo focal junto aos acadêmicos bolsistas bem como por meio de entrevista junto aos tutores dos dois grupos citados.

Endereço: Rua da Glória 187

Bairro: Centro

CEP: 39.100-000

UF: MG

Município: DIAMANTINA

Telefone: (38)3532-6060

Fax: (38)3532-6060

E-mail: cep@ufvjm.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS
VALES DO JEQUITINHONHA E
MUCURI (FAFEID-UF)



Continuação do Parecer: 340.938

quadro geral com as idéias preponderantes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O Pesquisador apresentou folha de rosto, Projeto e TCLE.

Recomendações:

- Deverá ser apresentado relatório final ao CEP em 30/08/2014. Considera-se antiética a pesquisa descontinuada sem justificativa aceita pelo CEP que a aprovou.
- Segundo a Carta Circular nº. 003/2011/CONEP/CNS, de 21/03/11, há obrigatoriedade de rubrica em todas as páginas do TCLE pelo sujeito de pesquisa ou seu responsável e pelo pesquisador, que deverá também apor sua assinatura na última página do referido termo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto atende aos preceitos éticos para pesquisa envolvendo seres humanos, preconizados pela Resolução 196/96 CNS.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

DIAMANTINA, 25 de Julho de 2013

Assinador por:
Rosamary Aparecida Garcia Stuchi
(Coordenador)

Endereço: Rua da Glória 187

Bairro: Centro

CEP: 39.100-000

UF: MG

Município: DIAMANTINA

Telefone: (38)3532-6060

Fax: (38)3532-6060

E-mail: cep@ufvjm.edu.br